

urbos

Temas urbanos • Uma publicação da Associação Viva o Centro • ano XI • nº 44 • out nov dez 2007 • R\$ 6

Urbanismo sustentável?





O Itaú foi o primeiro banco a reduzir tarifas e a incentivar o uso consciente do crédito.

É por isso que tudo está dizendo:

Vem,
vem,



abre uma
conta



no
Itaú.



Abra uma conta* em uma das mais de 2.300 Agências Itaú e conte com o melhor banco pela internet**, mais de 23.000 caixas eletrônicos e com o banco que ensina a usar o crédito de forma consciente. Afinal, ter todas as vantagens do Itaú já é muito bom. Agora que ele reduziu tarifas, ficou ainda melhor. Fale com um gerente, disque 0800 17 4828 ou acesse www.itaubank.com.br. Itaú. Feito para você abrir sua conta.



URBS é uma publicação trimestral da Associação Viva o Centro.

Editor: Jorge da Cunha Lima. **Produção e**

Edição: LDC Editora e Comunicação Ltda.

Edição de texto e reportagem: Marina

de Castro Alves. **Jornalista responsável:**

Marina de Castro Alves (MTb 49125).

Projeto gráfico: Kátia Oliveira.

Arte: Alessandra Tissoni e Adriana Carrer.

Suporte Editorial: Renata Antonini.

Foto da **Capa:** (Gal Oppido e Hugo Curti)

Colaboradores: Ana Maria Ciccacio,

Denise Duarte, Joana Gonçalves, Roberta

Mülfarth, Silvana Pintaldi, Suzana

Pasternak, Fernando de Mello Franco,

Gal Oppido e Hugo Curti.

Impressão: MPGrafica. **Tiragem:** 12.000

exemplares. **Redação, administração,**

circulação e assinatura: Rua Libero

Badaró, 425 – 4º andar. CEP: 01009-00

- São Paulo – SP, Fone: (11) 3105-8896.

Redação: redacao.urbs@vivaocentro.org.br.

Assinaturas: www.vivaocentro.org.br/assinaturas.

O conteúdo desta publicação não

representa o posicionamento da

Associação Viva o Centro. Os artigos

publicados expressam tão somente

a opinião de seus autores.



Viva o Centro
São Paulo

Patrocinadores desta edição:



sumário

7 Editorial

Um Centro forte por uma metrópole sustentável

8 Ensaio

Planejamento Urbano e Sustentabilidade

16 Exposição

Global Cities

20 Entrevista

Joaquim Guedes

24 Estrutura Urbana

Cortiços no centro

28 Internacional

Projetos urbanos em Portugal

31 Questão Urbana

Cidades e homens

34 Grande Angular

Ensaio fotográfico

42 Reportagem

Faculdades de arquitetura falam sobre a questão da sustentabilidade

48 Projeto

“Vazios de Água” ganha prêmio em Roterdã

56 Artigo

As mil e uma cidades

58 Livros

60 Resenha

São Paulo: paisagem da mistura

61 Cartas



Um Centro forte por uma metrópole sustentável

“Vista até há pouco como região problemática de São Paulo, o Centro é na verdade um território fecundo, ponto de partida para um projeto abrangente de cidade e de um novo modelo de convivência”

Da Carta da Associação Viva o Centro aos candidatos a prefeito, nas eleições de 2000

Desde a sua fundação, em 1991, a Associação Viva o Centro objetiva o desenvolvimento da área central de São Paulo em seus aspectos urbanísticos, culturais, funcionais, sociais e econômicos, de forma a transformá-la num grande, forte e eficiente centro metropolitano, contribuindo eficazmente para o equilíbrio econômico e social da Metrópole, para o pleno acesso à cidadania e ao bem-estar da população. Para tanto, a Associação Viva o Centro defende como princípios que:

- A diversidade funcional e humana é fator decisivo de desenvolvimento e vitalidade da metrópole e de seu Centro;
- Só a metrópole socialmente justa e politicamente democrática pode ser funcional e competitiva;
- A qualidade do espaço público é requisito básico para o pleno exercício da cidadania;
- A identidade da metrópole resulta do processo pelo qual os valores do seu patrimônio histórico, arquitetônico, cultural e econômico são percebidos e apropriados por seus cidadãos;
- O Centro Metropolitano é o local por excelência onde investimentos públicos e privados devem complementar-se em benefício de um harmônico desenvolvimento urbano, social, cultural e econômico da metrópole.

A Associação luta pela requalificação funcional e urbanística do Centro de São Paulo e de seus bairros centrais. Essa requalificação tem como referências básicas a serem permanentemente trabalhadas a multifuncionalidade das áreas centrais, a melhoria e racionalização da acessibilidade e da micro-acessibilidade no Centro, a ampliação do número de seus moradores, a necessidade de transporte coletivo de boa qualidade e a ocupação racional dos vazios existentes na região central com a conseqüente redução do exagerado espraiamento da mancha urbana. No âmbito da multifuncionalidade, a Associação preconiza que o Centro deve concentrar, a par

da habitação, o comércio, os órgãos de governo nos seus diversos níveis e âmbitos, universidades, hotelaria, serviços ligados à justiça, ao turismo, à cultura e ao lazer.

Essas teses, defendidas desde o início pela Viva o Centro, são agora abraçadas pela maioria dos que lutam por uma cidade sustentável e ambientalmente adequada, e mesmo pelos que lutam pela sustentabilidade global. Hoje já há quase um consenso de que sua implantação efetiva promoverá, além dos ganhos de caráter urbanístico, significativa melhoria ambiental na cidade como um todo, inclusive por propiciar importantes reduções na produção de gases causadores do aquecimento global.

Quando da fundação da Associação, os conceitos de defesa do meio ambiente eram menos elaborados ou difundidos, mais ligados à preservação das matas e mananciais, de animais em extinção, dos parques, do verde, enfim, o conceito de “cidade jardim”, preconizando cidades com baixa densidade de ocupação ainda prevalecia em muitas áreas da opinião pública e da própria administração municipal, originando diretrizes e leis que induziam ao espraiamento da mancha urbana. Por outro lado, temas da maior importância, como a redução de emissões de gases causadores do aquecimento global por parte de indústrias e veículos, bem como o fato de que as cidades são origem de até 70% desses gases, ainda eram praticamente desconhecidos e pouco considerados quando se discutia a defesa do meio ambiente.

A Associação, que se constitui de direito e de fato numa entidade ambientalista – por dispor de Certificado de Reconhecimento de Entidade Ambiental, expedido pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e por ter sempre defendido essas teses e desenvolvido ações hoje adotadas pelas mais diversas entidades ambientalistas no mundo –, pretende pontuar de forma mais incisiva essa sua característica focada na sustentabilidade. Queremos que esse seja um conceito cada vez mais associado ao nome da Viva o Centro. É essa a questão que está hoje em pauta, como tema geral desta edição da Urbs.

Marco Antonio Ramos de Almeida
 Superintendente Geral da Associação Viva o Centro



O projeto urbano e as questões ambientais

A arquitetura e o urbanismo devem ter uma função restauradora e renovadora do ambiente urbano, baseando-se, para isso, na idéia de que não podemos utilizar os recursos naturais como se fossem infinitos

Por Denise Duarte, Joana Carla Soares Gonçalves e Roberta Consentino Kronka Mülfarth ()*

É importante posicionar a cidade e suas dinâmicas sócio-econômicas e ambientais na discussão maior sobre sustentabilidade. Ao longo da história, a relação homem/meio ambiente foi marcada pelo crescente impacto gerado pelas atividades humanas. Estes impactos levaram o planeta a atingir muitos dos seus limites, alguns deles locais, outros de abrangência global.

Os níveis alarmantes de poluição, de fome, de escassez de água e de energia, de elevação da temperatura global, de danos da camada de ozônio, entre outros, fazem com que tenhamos que buscar novas formas de mitigação e adaptação aos problemas que criamos com tamanho descontrole.

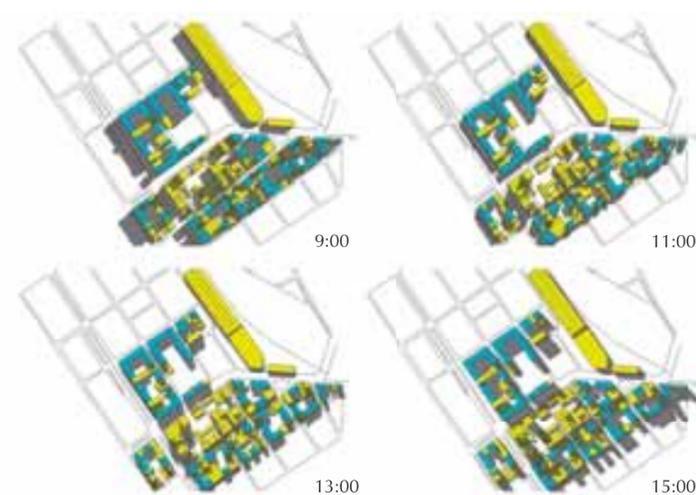
Neste contexto, pode-se dizer que as cidades são vistas como uma das principais responsáveis por grande parte do impacto ambiental gerado no mundo. Em 1900, cerca de 10% da população mundial vivia em áreas urbanas; em 1965, cerca de 36%, sendo que, em 1990, este número passou para 50%, com a estimativa de pelo menos 75% no ano de 2025. No ano 2000 já existiam cerca de 57 cidades no mundo com mais de 5 milhões de habitantes, sendo que 44 destas encontram-se em países em desenvolvimento. O crescimento das cidades nos países em desenvolvimento tem se dado de maneira acelerada, aumentando o nível de pobreza e o número de favelas.

Para alguns autores, esta concentração da população em áreas relativamente pequenas é prejudicial ao meio ambiente, uma vez que a demanda de recursos passa a ser incompatível com a capacidade de suporte do meio em questão, tornando esta distribuição insustentável. Já outros mostram esta possibilidade como uma alternativa para os grandes centros urbanos, uma vez que se estaria aproveitando uma infra-estrutura já existente, evitando investimentos desnecessários com o constante crescimento horizontal das cidades.

Um dos grandes problemas da atualidade reside no fato de, na sua grande maioria, o homem ainda utilizar os recursos naturais para o atendimento das suas necessidades como se estes fossem infinitos, ou seja, os dejetos produzidos não voltam para o ambiente de maneira produtiva. Na grande maioria dos casos todo esse processo tem um caráter linear, aumentando o risco de escassez destes recursos.

No uso mais sustentável dos recursos naturais, os danos ao meio ambiente devem ser os menores possíveis. Decorre daí a necessidade de utilização de energias limpas (solar, eólica, biomassa) e de embalagens recicláveis, a mudança no padrão de consumo, a utilização de materiais construtivos com menor impacto ambiental e maiores possibilidades de reutilização e reciclabilidade.

Dessa forma, a arquitetura e o urbanismo devem ser vistos não só como uma atividade de baixo impacto ambiental, mas principalmente como uma atividade renovadora, reparadora e restauradora do meio ambiente urbano.



Simulação de insolação no inverno, com inserção de edifícios de 10 pavimentos, na região da Luz, bairro do Bom Retiro, São Paulo. Esta área também foi estudada no projeto Sustainable Urban Spaces (2005-2006).



Mapeamento de uso do solo no entorno da Estação da Barra Funda, São Paulo, realizado pelo Sustainable Urban Spaces, trabalho de cooperação entre a FAUUSP, a University of East London e o Martin Centre, da University of Cambridge (2005-2006).

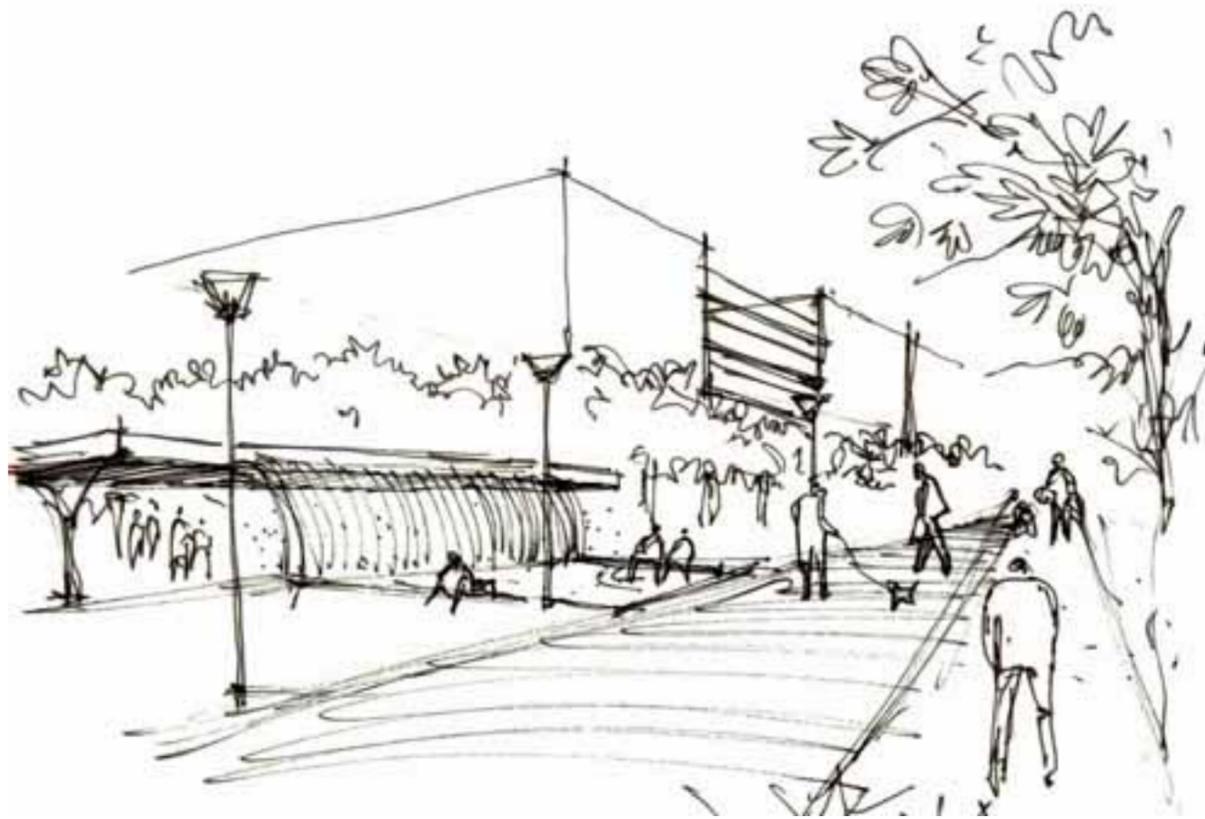
Importância da localização para a sustentabilidade do edifício

No ambiente urbano, para a concepção de um edifício mais sustentável, a inserção do empreendimento determina tudo, e precede as decisões sobre a sustentabilidade do prédio propriamente dito. Por exemplo, um edifício comercial ou de serviços de grande porte e com grande fluxo de pessoas que se diz sustentável, mas está em local onde não há transporte de massa, e tem como única alternativa razoável o usuário ir de carro e ficar preso num congestionamento de 40 minutos para sair da garagem, não é sustentável.

Considerando-se os aspectos ambientais, sociais e econômicos, muitos dos temas de projeto urbano e de edifícios abordados sob essa perspectiva têm reflexos nas três esferas. A mobilidade, por exemplo, é um item importantíssimo. A localização do empreendimento determina as diversas possibilidades de deslocamento dos usuários e traz

conseqüências ambientais, se pensarmos na emissão de poluentes dos meios de transporte convencionais; conseqüências econômicas, se pensarmos nas horas de trabalho ou descanso perdidas em congestionamentos intermináveis; e conseqüências sociais, na qualidade de vida do cidadão que passa boa parte do seu dia em deslocamentos. Hoje vivemos situações cada vez mais freqüentes de congestionamento dentro das garagens dos edifícios, por causa da dependência do transporte individual, além das longas e desconfortáveis viagens quando nos referimos ao sistema de transporte público, por causa da falta de investimentos em transporte público de qualidade. E essa situação precisa mudar.

Tudo começa com a leitura e com o entendimento do contexto urbano para a inserção do edifício. Não se pode admitir a concepção de um edifício que pretende ser mais sustentável sem o estabelecimento de conexões urbanas, como se tudo se restringisse aos limites do lote.



A inserção do edifício no contexto urbano e as conexões com o entorno, sejam elas ambientais, de mobilidade, de interação com o funcionamento da cidade existente, são as primeiras a determinar as condições para a maior sustentabilidade do empreendimento. Muitos requisitos de qualidade ambiental, por exemplo, começam a ser determinados na escala da vizinhança e, no mínimo, na escala da quadra, tais como ventilação, acesso ao sol e à luz natural para conforto ambiental e geração de energia. Só então é que vem a fase de concepção, quando devem ser pensadas as diferentes possibilidades de forma e volumetria para a implantação, o uso de materiais locais mais adequados aos diferentes requisitos de uso e desempenho, as estratégias de projeto para o

uso mais eficiente de água e energia, para a drenagem, para a manutenção e/ou inserção de áreas verdes etc.

O conceito de sustentabilidade envolve também os aspectos sociais e econômicos. Nesse sentido, o edifício mais sustentável também é economicamente viável ao longo do seu ciclo de vida, levando em conta as relações de custo/benefício ao longo do tempo, já que muitas inovações exigem investimentos iniciais maiores que se pagam na operação do edifício. Da mesma forma, um empreendimento mais sustentável também considera os aspectos sociais envolvidos e contribui para a melhoria da qualidade de vida dos seus usuários.

Em lugar do termo 'edifício sustentável', é mais correto dizer 'edifício mais sustentável', no sentido de ser mais sustentável do que o convencional, mais sustentável do que habitualmente se faz, já que sustentabilidade é um processo. A expressão 'edifício sustentável' pode passar uma idéia de auto-suficiência, que não é estritamente necessária. Do ponto de vista da sustentabilidade ambiental, a meta é a eficiência no uso dos recursos naturais como água, energia e matéria-prima, e não, necessariamente, a autonomia, principalmente quando se trata de áreas urbanizadas, com redes de água, energia, esgoto e coleta de resíduos sólidos passando pela porta.

Em busca da qualidade ambiental e da requalificação do ambiente urbano

Incluindo ambas as escalas (urbana e edifícios) o processo de projeto urbano em direção à sustentabilidade ambiental das cidades pode ser conduzido por intervenções de cunho ambiental com benefícios sócio-econômicos, de interesse público e privado. Nesse caso, parte-se da hipótese que edifícios projetados com base em avaliações urbanas vão apresentar melhores resultados ambientais e sócio-econômicos do que aqueles desenvolvidos individualmente. Nessa abordagem, a unidade mínima de projeto deixa de ser o lote e passa a ser a quadra, podendo compreender um conjunto de tipologias arquitetônicas (edifícios lâmina, torres, pavilhões e outros) em uma variedade de arranjos urbanos. Essa abordagem é viável e coerente tanto para a reabilitação de áreas consolidadas, como para a ocupação de vazios urbanos e também para a requalificação áreas periféricas.

Considerando-se o impacto sobre o desempenho ambiental dos edifícios e sobre os espaços abertos no entorno de projetos dessa natureza, usualmente as seguintes questões ambientais são colocadas no centro da discussão: incidência de radiação solar, disponibilidade de luz natural, intensidade e propagação do ruído urbano, gerenciamento de águas pluviais, qualidade do ar e microclimas urbanos e, finalmente, a eficiência energética dos edifícios, somada à possibilidade de geração de energia limpa.

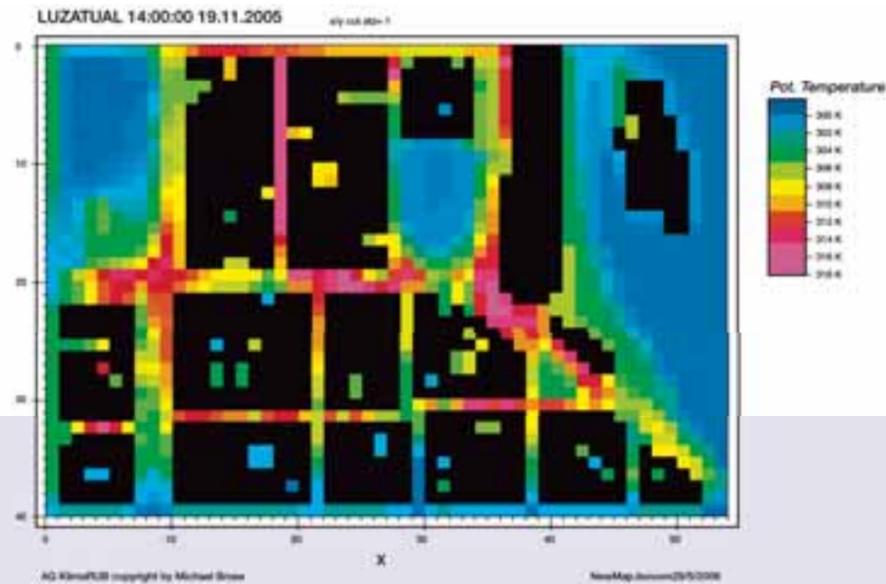
Em termos metodológicos, a busca por uma maior sustentabilidade ambiental do espaço urbano apresenta uma série de caminhos para a aplicação de critérios e formulação da configurações morfológicas do ambiente urbano. Como exemplo disso, no caso da revitalização de áreas consolidadas, metas de adensamento populacional ditadas pela capacidade da infra-estrutura apropriada, porém subaproveitada, devem determinar os limites possíveis de desempenho. Por exemplo, dificilmente o consumo de energia vai ser totalmente suprido pelo aproveitamento de tecnologias limpas que sejam instaladas em uma determinada intervenção urbana e arquitetônica. Porém, ainda é possível estabelecer como critério que toda a densidade extra (além da já existente) deve ter sua demanda energética satisfeita por sistemas de geração local de energia.

Por outro lado, a criação de bairros novos em vazios urbanos traz a oportunidade de exploração de diferentes configurações morfológicas e o estabelecimento de outras metas de adensamento restritas pelas condicionantes ambientais; retomando-se aqui o exemplo da geração local de energia. Neste caso, a densidade máxima pode ser determinada pela demanda equivalente de energia que pode ser gerada *in loco*. Além das possibilidades e restrições de projeto reveladas pelo contexto, é válido colocar que as necessidades sócio-econômicas da cidade são um fator determinante na definição do método e dos critérios de desempenho adotados.

Conceitos de ocupação de quadras na Barra Funda, desenvolvidos por Anna Christina Miana, Cecília Mueller, Daniela Weintraub, Denise Duarte, Fabio Faria, Joana Carla Gonçalves, Lene Nettelbeck, Marcos Rosa, Tatiana Souza e Vanessa Grossman. Consultoria: Ricardo Toledo, Khaled Ghoubar e Alessandra Prata



Estudos de simulação de clima urbano, com o software *envi-met*, a fim de analisar os efeitos da vegetação no ambiente construído na região da Luz, para o projeto *Sustainable Urban Spaces*.



Quanto à proposição de métodos, o apoio de ferramentas de simulação computacional para a avaliação do desempenho ambiental, incluindo microclimas e energia, por exemplo, significa uma inovação com um papel importante na elaboração de projetos urbanos voltados para uma melhor qualidade ambiental. Os resultados de tais avaliações dão suporte às decisões sobre planos de massa e tipologias arquitetônicas, aos projetos de paisagismo e também à inserção de tecnologias em prol de uma maior eficiência energética dos edifícios, lembrando que a otimização desses sistemas está relacionada ao desempenho do conjunto de edifícios, e não individualmente.

Com o auxílio das simulações, é possível identificar o efeito da forma, da orientação, dos planos de massa, das tipologias arquitetônicas e das massas de vegetação no comportamento do vento, na incidência da radiação solar, na disponibilidade de luz natural, na umidade e na temperatura do ar e na propagação do ruído nos espaços abertos, conseqüentemente, no conforto do pedestre e na qualidade ambiental do espaço público. Além disso, os resultados dessas avaliações influenciam diretamente o desempenho ambiental e energético dos edifícios, como no caso da disponibilidade de iluminação natural nas diferentes fachadas.

A reabilitação tecnológica de edifícios existentes (retrofit)

também se constitui em uma estratégia fundamental dentre as ações para a revitalização ambiental e sócio-econômica de uma determinada área urbana. Tomando-se o exemplo do centro da cidade de São Paulo e seu entorno imediato, a expressividade do estoque edificado de edifícios altos em estado de degradação chama atenção para o potencial de adensamento populacional e para as possibilidades de atividades sócio-econômicas de uma região bem servida de infra-estrutura, com menor necessidade da construção de novos edifícios e o seu conseqüente impacto ambiental. Tomando-se como exemplo o uso de escritórios, a disponibilidade de tecnologias prediais mais energeticamente e de menores dimensões (como os forros gelados, por exemplo) permitem que estes possam ser reabilitados, respondendo às demandas contemporâneas de desempenho ambiental, energético e tecnológico.

Concluindo, dentre as prioridades para a requalificação das cidades modernas está tornar o ambiente urbano mais eficiente e menos poluente quanto ao consumo dos mais variados recursos e, ao mesmo tempo, promovendo uma melhor qualidade ambiental, com maior mobilidade e socialização do espaço.

(*) As autoras integram o Laboratório de Conforto Ambiental e Eficiência Energética, Departamento de Tecnologia da Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

CBA – Companhia Brasileira de Alumínio. Há mais de 50 anos, crescendo 9,6% ao ano.



Vista aérea da Fábrica, em Alumínio (SP)

Mais do que alumínio, o que a CBA produz é crescimento. Por meio da auto-suficiência e da sustentabilidade, a CBA alcançou a posição de maior empresa integrada de alumínio do mundo, realizando desde o processamento da bauxita até a fabricação de produtos finais. Conquistas como essa são uma motivação para a CBA continuar crescendo com responsabilidade socioambiental e respeito aos colaboradores e às comunidades.

- ▶ A maior Fábrica de alumínio do Brasil: produção de 475 mil toneladas de alumínio em 2007.
- ▶ 18 Usinas Hidrelétricas: 60% de auto-suficiência em energia.
- ▶ 3 Unidades de Mineração: auto-suficiência em bauxita.
- ▶ Responsabilidade socioambiental: investimento em educação, saúde, atividades culturais e preservação ambiental.



Companhia Brasileira de Alumínio

Votorantim

CBA. O ALUMÍNIO DO BRASIL.
www.aluminiocba.com.br

Um olhar crítico sobre as cidades globais



Por Joana Carla Soares Gonçalves*



A exposição **Cidades Globais**, realizada recentemente em Londres, debate os efeitos da arquitetura e do projeto urbano sobre as condições sociais e espaciais de dez megacidades

Dados sobre o crescimento urbano mundial revelam que mais de 50% da população mundial vive em cidades e que até 2050 serão mais de 75%. Assim, é importante entender os impactos desse crescimento sobre a qualidade de vida dos cidadãos e o meio ambiente. Certamente, as organizações sócio-econômicas, os espaços públicos e os edifícios determinam – e determinarão ainda mais – como as cidades vão responder a desafios como mudanças climáticas e luta pelos direitos humanos.

Para contribuir na formação de consciência coletiva sobre os problemas sócio-econômicos e ambientais pelos quais passam as grandes cidades, a exposição *Global Cities* – realizada na Tate Modern, em Londres, de 20 de junho a 27 de agosto de 2007 – traz um olhar crítico a respeito das condições sociais e espaciais dessas cidades, levantando questões sobre os efeitos da arquitetura, do projeto urbano e do urbanismo. Dez cidades foram eleitas para esta exposição: Cairo, Istambul, Joanesburgo, Londres, Los Angeles, Cidade do México, Bombaim, São Paulo, Xangai e Tóquio.

Elas foram analisadas em cinco tópicos: tamanho, velocidade, forma, densidade e diversidade.

A exposição contou com registro fotográfico, mapas, vídeos e modelos físicos, com caráter fortemente informativo. Os arquitetos e artistas convidados (Nigel Coates, Zaha Hadid e Patrik Schumacher, Fritz Haeg, Nils Norman, Rem Koolhaas e Richard Wentworth) exploraram as dimensões social, cultural e física do ambiente urbano, tomando Londres como estudo de caso.

O tamanho das megacidades

Quanto ao tema do tamanho das cidades, Tóquio, Cidade do México e São Paulo, as três maiores megacidades do mundo, respectivamente (aquelas com mais de dez milhões de habitantes), foram o foco da discussão. Existem mais de vinte megacidades com mais de dez milhões de habitantes, além de aproximadamente 450 regiões metropolitanas com mais de um milhão de habitantes. Somadas, estas áreas representam mais de um bilhão de habitantes sobre uma porção relativamente pequena da superfície do planeta. Na medida em que estas megacidades crescem, crescem também seus impactos sobre o clima, os ecossistemas e a qualidade de vida no ambiente urbano.

São Paulo foi apresentada como a maior e mais rica cidade brasileira, com uma região metropolitana equivalente a de Los Angeles e Xangai, e uma população que praticamente dobrou nos últimos 45 anos. Assim como a Cidade do México, São Paulo vive a expansão da sua mancha urbana, caracterizada pela favelização e pela carência de infraestrutura, enquanto o centro da cidade tem sofrido um processo de esvaziamento há décadas. Além do problema do déficit habitacional, existem os desafios da falta de segurança, ineficiência dos meios de transporte público, poluição do ar e das bacias, que são os reservatórios de água da região.

Enquanto Cidade do México e São Paulo encaram o desafio contra o espalhamento, outras, como Cairo e Bombain, já

concentram suas populações de milhões em um território urbano relativamente menor. E outras, como Joanesburgo e Los Angeles, estão bem mais dispersas, com impactos negativos sobre a eficiência da infra-estrutura urbana, o consumo de energia e o conseqüente impacto ambiental.

Crescimento veloz

A velocidade de crescimento populacional e territorial foi mostrado em cinco exemplos: Cairo, Istambul, Londres, Los Angeles e Xangai. No Cairo e em Xangai têm ocorrido transformações radicais na configuração morfológica, nas estruturas sócio-econômicas e no caráter do lugar. Em muitos casos, essas transformações comprometeram a vida de comunidades locais e até mesmo dos novos integrantes daquela estrutura urbana.

Xangai é a oitava cidade que mais rápido cresce no mundo, com uma área metropolitana de aproximadamente 18 milhões de pessoas, na sua grande maioria chinesa, advinda de comunidades rurais e atraída pela prosperidade da economia. A paisagem urbana de Xangai hoje apresenta uma significativa expansão da mancha urbana acompanhada do crescimento vertical. Los Angeles, em contrapartida, é uma cidade de subúrbios, no centro de uma região metropolitana de 16 milhões de habitantes. É a segunda maior área metropolitana dos Estados Unidos, atrás somente da região de Nova Iorque.

São Paulo, Xangai e Tóquio: três das megacidades estudadas



Em forma de *canyons*

Foram exploradas as características físicas (forma) de cinco cidades: Istambul, Joanesburgo, Londres, Bombain e Tóquio. Todas têm um centro planejado e áreas que cresceram informalmente. A forma urbana dessas cidades têm as características geométricas dos *canyons* urbanos, das quadras e dos lotes, somados à distribuição dos espaços abertos.

O caso de Londres chamou atenção. Comparada a qualquer outra megacidade, esta oferece uma relevante parcela do seu território dedicada aos jardins domésticos, parques e espaços públicos em geral, tornando-a uma cidade de densidades populacional e construída relativamente baixas. A ocupação de forma orgânica da cidade cobre uma área de 1.572 km² (o dobro de Nova Iorque, com uma população equivalente de cerca de 7,5 milhões de habitantes).

Adensamento não requer edifícios altos

A discussão sobre densidade é de grande importância para o futuro das cidades, sendo uma ferramenta de planejamento, que, dentre outras funções, garante que áreas urbanas bem servidas de infra-estrutura sejam bem aproveitadas pelas organizações sociais e pelo poder público. No conteúdo da exposição é enfatizado que altas densidades não significam obrigatoriamente edifícios altos, sendo muitas as possibilidades do desenho urbano e das tipologias arquitetônicas. Altas densidades populacionais podem ser alocadas em edifícios de cinco e seis pavimentos, implantados em arranjos compactos, de maneira criteriosa, inclusive ambientalmente, criando ambientes urbanos com vitalidade sócio-econômica.

O consenso nesse aspecto é que bons projetos urbanos e arquitetônicos podem ser alcançados em qualquer cidade do mundo, balanceando formas compactas com o acesso aos meios de transporte público, aos espaços públicos e ao restante da infra-estrutura, como fica evidente em muitos bairros de Londres, Paris, Nova Iorque e outras cidades.

O conceito de diversidade

O conceito de diversidade no contexto urbano foi apresentado como o nível de variedade da população e suas estruturas sócio-econômicas, contemplando as diferenças étnicas e culturais. Porém, foi lembrado que diversidade no ambiente urbano significa muito mais, incluindo os conhecimentos e habilidades específicas e, ainda, a quantidade de pessoas que vêm de fora. Neste tópico, cinco cidades foram analisadas: Joanesburgo, Londres, Los Angeles, São Paulo e Xangai.

Com os fluxos do mundo globalizado, mais cidades estão se tornando espacialmente e socialmente diversas. Cairo, Cidade do México, Bombain e Xangai são cidades que têm expandido suas economias e atraído pessoas de outras partes do seu território nacional. Cidades como Joanesburgo, Londres e Los Angeles, mais internacionais, atraem pessoas de várias partes do mundo para trabalhar nos seus setores de serviços. Estas cidades têm os benefícios e os conflitos de uma crescente diversidade étnica e cultural. Toda esta diversidade pode influenciar a estrutura social de uma cidade.

Perguntas para reflexão

O evento discutiu teorias de projeto urbano com o conceito de urbanismo paramétrico e projeto evolucionário, que já é um tema de investigação em muitas faculdades de arquitetura e urbanismo de Londres.

Foram lançadas também perguntas para reflexão que cabem a cidades de todo o mundo:

A forma urbana das nossas cidades afeta o futuro do planeta e a sua sustentabilidade? Como as cidades poderão acomodar bilhões de pessoas com qualidade e dignidade? E, finalmente, é possível que a qualidade de vida nas cidades seja melhorada e os seus impactos ambientais reduzidos por meio de estratégias de projeto, envolvendo aspectos da arquitetura, projeto urbano e planejamento?

** Joana Carla Soares Gonçalves é Professora Dra. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Docente e pesquisadora do Departamento de Tecnologia da Arquitetura, no Laboratório de Conforto Ambiental e Eficiência Energética.*

Entrevista: Joaquim Guedes

Conhecido por suas polêmicas opiniões e responsável pela formação de gerações de arquitetos da FAUUSP, Joaquim Guedes fala sobre planejamento adequado, participação social e sustentabilidade

Respeitado por sua coragem na defesa de uma arquitetura que represente a cultura brasileira, Joaquim Guedes se aposentou recentemente da FAUUSP. Formado e doutorado pela mesma faculdade, Guedes foi professor assistente, livre docente e professor titular na FAU, onde ajudou a formar diversas gerações de arquitetos. Nascido em São Paulo, Guedes teve sua carreira dividida entre o Brasil e a França, onde foi diretor pedagógico e professor associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de Estrasburgo.

Em 1965, fundou o escritório Joaquim Guedes e Associados, que realizou cerca de 500 projetos de arquitetura e urbanismo. Entre eles destacam-se trabalhos para as cidades de Nova Marabá, Nova Barcarena (Pará) e Caraíba (Bahia);

o Plano Diretor de Piracicaba, Americana e Brasília; e os conjuntos habitacionais Cunha Lima e Cohab (Campinas). Nesta entrevista, ele fala sobre seus projetos, planejamento urbano e sustentabilidade.

Urbs: O senhor participou do concurso de escolha do Plano Piloto de Brasília expondo idéias que destoavam da maioria. Qual foi o ponto principal desta divergência?

Guedes: A cidade é um organismo, nós não podemos impor limites a ela. É a cidade que “sabe” cada uma das suas funções, como chegar ao equilíbrio e atender suas necessidades. Em seu famoso livro, “Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas”, a escritora Jane Jacobs expõe uma visão

romântica do espaço urbano que é insustentável. Quando participei do Plano Piloto de Brasília fui o único a defender que a cidade não poderia ser limitada como se exigia.

Urbs: E como deveria ser esse planejamento?

Guedes: O planejamento jamais deve dizer o que vai acontecer, mas sim dar instrumentos para que a cidade possa “ser conduzida naturalmente”. Isso ficou bem claro no caso de Brasília. Planejada para ser uma sede administrativa, como uma meca de visitação permanente, ela certamente teria um destino incontrollável. Naquela época, a população urbana no Brasil já era maior do que a rural, o que só agora, 50 anos depois, está ocorrendo no resto do

mundo. Essa passagem do rural para o urbano, somada à idéia de transferir a capital para o Planalto, me deram uma certeza: a cidade deve ser conduzida naturalmente.

Urbs: De que forma a cidade é conduzida naturalmente?

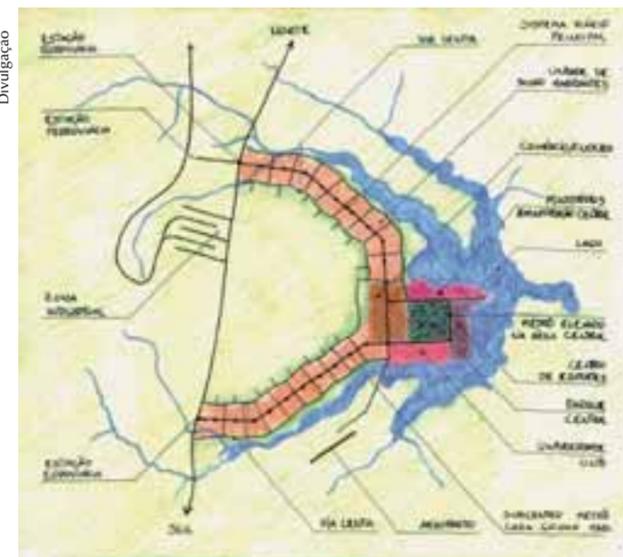
Guedes: A cidade é conduzida pela vida cotidiana, pelo desejo das pessoas. A cidade tem que ser pensada como cidade de massa. José Ortega y Gasset, no livro “Rebelião das Massas” (1929), afirmava que a sociedade urbana seria invadida pelas massas sem especialização, que tomariam conta das tarefas urbanas. Cidades de massas são aquelas onde se manifestam, conciliam e se conflitam os desejos das pessoas.

Urbs: Como fazer com que esta participação das pessoas seja ativa?

Guedes: Em 1986 tive um *turning point* na minha vida. Fui fazer o Plano Piloto de Americana e, ao invés de fazer um levantamento clássico, seguindo a idealização usual das investigações dos diagnósticos e prognósticos, inverti isso. Procurei informações básicas rapidamente e pude identificar, baseado também em experiências de colegas estrangeiros, que os fluxos urbanos davam os indicadores da saúde pública urbana. Se você consegue um levantamento sensível e bem dirigido, associado ao estudo do sistema viário e de transporte público, você vai saber como as pessoas se mexem, quais são seus destinos e interesses, como as classes sociais se dividem. Você tem uma radiografia da cidade e isso é fundamental para envolver a população.

Urbs: Qual foi o resultado desse projeto em Americana?

Guedes: Depois da análise do sistema físico, o estudo econômico-social foi medido através dos fluxos urbanos. Identificaram-se pontos, equipamentos, frequências. Para dar seqüência ao projeto era necessário contar com um banco de dados continuamente atualizado. Mesmo sem computadores, que não existiam na época, a Secretaria de



Plano Piloto de Brasília, um dos diversos projetos do escritório de Joaquim Guedes

Planejamento fez um bom trabalho, envolvendo os diversos organismos da cidade. O que eu propus foi que ao colocar o dedo no mapa você tivesse a informação sobre quem mora naquela casa, quantas crianças têm, qual sua idade, se elas vão para a escola.

Urbs: O projeto teve continuidade?

Guedes: Sim. Eu fiz um plano aberto. No dia em que entreguei o plano, o prefeito deu ordem para que não passassem a última parcela, porque eu não tinha feito o que ele queria: blindar o bairro nobre em que ele morava contra a transformação. Mas a chave dessa história é a seguinte: todo cidadão tem uma idéia para si mesmo, egoisticamente, do que deve ser feito. E ele tem o direito de pedir à prefeitura que examine sua idéia. Ele paga os impostos, tem direitos, e o Estado a obrigação de cumpri-los.

Urbs: As pessoas devem expor suas idéias diretamente ao Estado?

Guedes: Sim. Os órgãos de planejamento precisam estar preparados para ajudar as pessoas afetadas pelo projeto a conhecê-lo e a avaliá-lo. Se for positivo, todos irão aderir, se não for, eles não concordarão. É necessário também avaliar os ônus indiretos e saber quem irá pagá-los. Essa é a principal função da prática do planejamento, o principal instrumento cotidiano de avaliação de um projeto.

Urbs: O planejamento de uma cidade tem como base o desejo do indivíduo?

Guedes: Aprendi que o desejo não é individualista, que ele deve ser comunicado para não morrer com a pessoa. É a comunicação do desejo que o torna social, comunitário.

Urbs: Como o senhor vê a “reocupação” do centro de São Paulo por moradias populares?

Guedes: Quem é capaz de garantir que essa “reocupação” é possível e boa? A população da periferia é imensa, muito maior do que o centro velho pode abrigar. Isso coloca diversos problemas. Quem vai pagar? Quem vai equipar?



Maquete do concurso de Bicocca (Milão), para a revitalização da área do antigo parque da Pirelli, no qual Guedes participou como convidado

Quem merece morar aqui? O projeto de colocar pessoas morando no Hotel São Paulo, que seria restaurado, como proposto na gestão de Marta Suplicy, é impensável. Colocar pessoas morando em hotel pago com recursos públicos e, depois, dar uma bolsa-aluguel para que eles possam pagar a moradia é uma atitude destemperada, montada para a reeleição. Nisso, a investigação justa do problema vai para o ralo.

Urbs: Respondendo a questão central desta edição: o urbanismo é sustentável?

Guedes: Essa palavra é uma moda. Não me agrada. A humanidade está no mesmo processo: sobreviver e produzir. Mas o mundo está ficando cheio de gente. Estamos com mais ou menos 6,5 bilhões de pessoas. É o limite. Aparentemente, a nossa energia está limitada. O biodiesel dificilmente poderá fornecer mais energia que o petróleo porque ele ocupará áreas destinadas à produção de alimentos, que se tornarão mais escassos e, portanto, mais caros. Eu acredito que não escaparemos disso.

Urbs: Esta preocupação com a sustentabilidade foi tardia?

Guedes: Não se trata disso. De que antes não nos preocupávamos com a natureza e agora o fazemos. É preciso entender que vivemos de consumir a natureza e não de preservá-la. A sobrevivência da sociedade foi possível consumindo a Europa, parte da América, a Ásia, a África. E hoje estamos nesse impasse. Em entrevista à TV Cultura, Antônio Aires disse que 4% da população do mundo consome 40% da energia mundial. É claro que os 60% não serão suficientes

para que os outros 96% da população possam ter uma vida minimamente civilizada. Isso dá uma idéia do problema que temos pela frente.

Urbs: A idéia de sustentabilidade está equivocada?

Guedes: Sim, sustentabilidade não é preservar a natureza, muito menos transformar as criancinhas em “sensíveis amantes da natureza” para salvar a humanidade. O problema está no consumo delirante de energia nas sociedades mais avançadas e ricas. Elas vão ter que parar com isso. Temos que inverter esse processo, parar de falar em sustentabilidade com frases feitas e pensar em como a arquitetura vai dar solução para a continuidade do homem no planeta, com um consumo adequado das nossas reservas e redistribuição das reservas de forma a conciliar desejos conflitantes.

Urbs: Com relação ao planejamento, onde estamos errando mais?

Guedes: Nesta idéia de condomínios-clubes. A comunidade está assumindo o custo inicial de sua instalação. Só calcula o custo inicial. O resto ninguém vê, como por exemplo a segurança, os jardins. Isso custa dinheiro: limpeza, calcário, adubo, troca de planta, eletricidade. São novos custos sociais cuja verba não é pública, é daquelas pessoas que certamente não vão pagar. Então, estes condomínios são projetos de sustentabilidade duvidosa. O que fazer? Discutir o problema, com a coordenação da prefeitura. Muita gente pode não gostar desse posicionamento, mas é o precisamos fazer sob pena de sermos irresponsáveis.

O desafio dos cortiços

Por Antonio Cláudio Moreira Lima e Moreira, Maria Cristina da Silva Leme e Suzana Pasternak*

Resultado da relação entre vulnerabilidade social e precariedade urbana, os cortiços que se concentram nas áreas centrais de grandes cidades são um enorme desafio para o poder público. Este artigo traça um completo panorama desse tipo de moradia popular na cidade

Funcionando como uma importante alternativa habitacional para as camadas de baixa renda, os cortiços se localizam principalmente nas áreas centrais das grandes cidades. Recentemente, este tipo de moradia vem sendo objeto de políticas de intervenção por parte do poder público estadual e municipal.

As estimativas quanto ao percentual da população moradora em cortiços na cidade de São Paulo são bastante frágeis, uma vez que essa é uma realidade difícil de captar por pesquisas quantitativas. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) em 1993, na capital existiam 23.688 imóveis encortiçados, habitados por 160.841 famílias.

Nos anos 2000 e 2001 foram feitos arrolamentos de imóveis em uma pesquisa para o programa Pró-Lar Atuação em Cortiços (PAC), pela equipe da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) e da Fundação Seade.

A pesquisa PAC é uma das mais recentes e completas sobre os cortiços do centro expandido. Foi realizada no Pari, em dezembro de 2000, e em outros setores de intervenção definidos pela CDHU no 2º semestre de 2001: Barra Funda, Bom Retiro, Bela Vista, Belém, Brás, Cambuci, Liberdade, Mooca e Santa Cecília.

Os dados pesquisados mostram que cerca de 2/3 das famílias nestes cortiços vivem com renda *per capita* de até 2 salários mínimos; a proporção dos chefes de família com carteira de trabalho assinada é considerável (36,5%), embora a maioria tenha inserção precária: 45% dos chefes de família são trabalhadores informais; cerca de 86% dos chefes trabalham. O aluguel consome grande parcela do rendimento familiar, chegando a 43,5% do rendimento das famílias com até três salários mínimos. A rotatividade entre os cortiços é alta, sendo que metade dos chefes vive no atual domicílio há menos de um ano e, anteriormente, morava em outro cortiço ou pensão.



Fotos: Ulisses Barbosa



As políticas de intervenção

As condições de precariedade se transformam, mas é a relação entre a vulnerabilidade social e a precariedade urbana características do cortiço, que explicam sua existência e permanência há mais de um século. Eles representam um enorme desafio para uma atuação consistente do poder público no sentido de melhorar, senão erradicar, o cortiço em São Paulo.

Em dois momentos, separados por mais de um século, a legislação urbanística reconhece a existência desta forma de habitação e propõe normas para regulamentar os padrões mínimos de habitabilidade. Em 1886 aparecem pela primeira vez, no Código de Posturas, normas para a construção de cortiços no Município. Em 1929 o cortiço desaparece da regulamentação, mas volta a reaparecer em 1991 na forma da Lei Moura, que estabelece, entre outras, normas relativas às dimensões mínimas dos cômodos e a proporção mínima de instalações de higiene e limpeza por cômodo.

Conforme Piccini (1999:108 e 109) o despejo e a obrigação de abandono do local pelo morador foi utilizada desde o início do século. Com base no Código Sanitário do Estado, de 1894, eram demolidos cortiços que representavam “focos de infecção e epidemia”. Ações de despejo acontecem quando a região começa a ser valorizada e há demolições para a substituição por novas construções ou para reforma do edifício. A consequência mais comum destes despejos é a mudança do morador para outro cortiço próximo, piorando ainda mais suas condições de habitabilidade.

A remoção de moradores por situação emergencial realizada por órgão público pressupõe a existência de uma solução alternativa: pode ser uma nova situação habitacional em conjunto construído para este fim, habitações provisórias ou ainda a alternativa de retorno ao município de origem com a passagem de volta paga. A desocupação do edifício São Vito, em 2003, localizado em frente ao Mercado Municipal, é um exemplo deste tipo de atuação. Mas mesmo assim só poderão habitar o São Vito reabilitado aqueles que têm renda compatível com as despesas de arrendamento e taxas de condomínio.

Processo de mutirão eficiente realizado em dois cortiços: o “Casarão”, no Brás e o edifício Madre de Deus, na Mooca (ao lado)

A produção de habitações pelos moradores em processo de mutirão é ainda uma experiência pontual. Foi realizada com êxito em dois imóveis: o “Casarão” da Avenida Celso Garcia, no bairro do Brás, e o edifício da Rua Madre de Deus, na Mooca. Foi um longo processo que se iniciou nos anos noventa, com a desocupação dos imóveis encortiçados. Teve a assistência técnica para o desenvolvimento dos projetos de arquitetura, acompanhamento da obra e financiamento da Prefeitura para aquisição do imóvel e construção.

Na gestão 2000/2004, a Prefeitura combinou uma série de políticas para atender e manter no Centro a população de baixa renda aí residente, incluindo reforma e reciclagem de imóveis vagos no centro e a locação social com recursos do Fundo Municipal de Habitação e do PAR (Programa de Arrendamento Residencial).

Já o Governo do Estado, por meio do PAC, e contando com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), vem atuando com a desapropriação do imóvel e a construção de edifícios. O objetivo é eliminar o imóvel onde foi instalado o cortiço. O financiamento conta com

subsídio do Governo do Estado para garantir a permanência do antigo morador no Centro ou em áreas próximas.

Na base destas políticas está o reconhecimento da fragilidade da permanência destes moradores face à valorização da área central e a necessidade de se conceber instrumentos mais eficazes de intervenção. O movimento de valorização da área central foi impulsionado pelo restauro de edifícios construídos no início do século XX (Teatro Municipal, Estação Julio Prestes, Centro Cultural do Banco do Brasil, Edifício dos Correios, Estação da Luz, Pinacoteca do Estado, Mercado Municipal) pelo retorno de secretarias do Estado e pela instalação da sede e de secretarias da Prefeitura na parte mais antiga da área central.

Se por um lado este movimento é extremamente importante por resguardar a memória urbana, prover a cidade de equipamentos culturais públicos de excelente qualidade e tornar mais acessível ao público as secretarias e serviços estatais, por outro lado ele incorre no sério risco de remover a população residente para outros imóveis encortiçados agravando a superlotação ou expulsando-a para a periferia, aumentando a questão do desemprego urbano.

Ação universitária

O interesse em pesquisar habitação popular fez a FAUUSP programar uma linha de disciplinas optativas, incorporando o aluno na análise da produção do chamado espaço “informal”, responsável por servir de abrigo a considerável parcela da população paulistana. A disciplina AUP 539 vem se constituindo em laboratório de observação de transformações, quer das formas de moradia e da atuação dos movimentos sociais, quer das intervenções do poder público.

Ministrada desde 1989, a disciplina tem como objetivo a análise da situação das habitações de interesse social e da evolução das suas políticas públicas na cidade de São Paulo. Nos últimos anos temos enfatizado as políticas públicas de intervenção em cortiços. Estas políticas evoluem da mera regulamentação, passando por experiências pontuais de construção de conjuntos de moradia especificamente para encortiçados e vão até o desenvolvimento de linhas de crédito para reciclagem de edifícios existentes que seriam destinados à moradia dos encortiçados.

Neste processo de estudo surge a consciência que tanto a favela como o cortiço representam uma expressão física das

contradições de um sistema capitalista periférico. Conseqüentemente, a intervenção não deve ser pensada como se o fenômeno fosse resultante de simples disfunção, como se a integração da população favelada e encortiçada na “cidade formal” fosse uma questão de tempo, ou pudesse ser resolvida por simples voluntarismo.

Desta forma, unimos o esforço do conhecimento da situação de habitação à análise das experiências de intervenção já utilizadas e à elaboração de uma proposta de intervenção. O produto final é um estudo preliminar de viabilidade técnica, institucional, participativa e financeira, com o correspondente anteprojeto arquitetônico e a estimativa de custos. Nos últimos anos, nossos alunos apresentaram projetos de grande importância como por exemplo o do Hotel São Paulo e o da Rua Caio Prado.

**Autores do livro “Intervenção em Cortiço – Uma Experiência Didática” – FAUUSP, 2006, que também conta com a autoria de Minoru Naruto*

Edifício São Vito, o famoso “Treme Treme”, que foi desocupado em 2003 e aguarda decisão da prefeitura para uma possível reforma e reabilitação





Centro histórico de Lisboa

Portugal, cidades que renascem

Por Ana Maria Ciccacio

Até dezembro Portugal exerce, pela terceira vez, a presidência da União Européia (UE). Em sua agenda no cargo, Portugal elegeu o Brasil como prioridade, isto é, colocou-se à disposição como ponte para as articulações que podem resultar na consagração do país como “parceiro estratégico” da UE e atingir o mais elevado patamar possível, lugar onde atualmente a União Européia colocou apenas países como EUA, Canadá, Rússia, China, Japão e Índia

Portugal modernizou-se de forma assombrosa nas últimas décadas e suas experiências, em que pese uma população de apenas 10,6 milhões de habitantes (próxima à da cidade de São Paulo), podem ser compartilhadas na medida em que no Brasil de hoje há uma sociedade civil crescentemente atenta e cada vez mais organizada e uma comunicação social que exprime grande pluralismo, como lembrou recentemente o embaixador de Portugal no Brasil, Francisco Seixas da Costa. Visitando Lisboa (565 mil habitantes) e o Porto (250 mil habitantes), com rápida passagem por Aveiro (importante centro comercial, industrial e universitário a 58 km de Coimbra, com 73,5 mil habitantes), o que surpreende é a imensa quantidade de guias em plena atividade. De meados dos anos 1990 para cá elas estão por toda a parte, seja na implementação de infra-estrutura – metrô, rodovias, saneamento básico, restauro e retrofits de edifícios antigos – seja na edificação de equipamentos culturais de ponta, como a Casa da Música, no Porto (um projeto do arquiteto holandês Rem Koolhaas para o evento Porto, Capital da Cultura 2001), construção de modernos prédios habitacionais e recuperação dos centros históricos nas três cidades, além, é claro, do novo bairro lisboeta, o Parque das Nações, surgido de uma área degradada, outrora um caótico reduto de despejos industriais, ao sediar com enorme sucesso a Park Expo em 1998.

A deflagração dessa aventura se dá há 33 anos, no inesquecível 25 de Abril, com a Revolução dos Cravos, que dois meses depois de libertar o país dos resquícios de uma ditadura que teimava em se perpetuar apesar da morte de Salazar, em 1970, levou o governo provisório a apostar a maioria das cartas da Secretaria Nacional de Habitação em melhorias na moradia dos centros históricos das principais cidades portuguesas. Era uma época em que pouco se falava no esvaziamento dos centros históricos e, menos ainda, na necessidade de recuperação dessas áreas, quer no Brasil, quer em outros países, e mesmo na Espanha, que depois se tornou referência no mundo com as experiências principalmente de Barcelona, a partir da década de 1980. Mas já o arquiteto Nuno Portas, à frente da Secretaria, propunha que as zonas centrais e das baixas (à beira rio), tanto em Lisboa como no Porto e também em localidades menores, como Aveiro, habitadas por famílias em geral muito pobres, fossem recuperadas, mas sem cair no erro da exclusão social, que havia caracterizado a experiência londrina.

“Em Portugal, esse movimento começa muito tempo antes do espanhol, de fato, mas poucos ficaram sabendo por falta de divulgação”, recorda o arquiteto Manoel Correa Fernandes, professor catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e integrante das primeiras Brigadas Urbanas nessa cidade, dentro do projeto de recuperação de habitações nos centros históricos. O 25 de Abril libertou as energias que estavam concentradas em organizações de caráter local – associações de moradores, cooperativas de habitação – que eram reprimidas pelo antigo regime e atuavam até então na clandestinidade. “Muito do que temos hoje na seqüência histórica, tanto em Portugal como no exterior, incluindo a Espanha, decorre dessas movimentações que tiveram lugar em 1974.”

O ingresso de Portugal na União Européia, em 1986, com a decorrente entrada de divisas, foi sem dúvida crucial para o que veio depois. “Eu não saberia dizer quanto, mas é muitíssimo significativo em todos os níveis: social, político, comercial, industrial e cultural”, diz Fernandes. “É a segunda oportunidade de Portugal, equivalente à que teve com a chegada do ouro do Brasil no tempo da colônia e de D. João VI. A entrada na UE corresponde a um afluxo brutal de dinheiro para a construção de tudo: infra-estrutura, equipamentos culturais, habitação, educação etc.”

Lisboa capital da cultura

Alguns acontecimentos particularmente importantes concorrem para encorpar esse processo que parece longe de arrefecer. Em 1994, a titulação *Lisboa Capital da Cultura*, constitui um dos primeiros momentos em que Portugal toma realmente consciência de sua importância internacional com a chegada de recursos da UE, com vistas, entre outras coisas, ao potencial turístico lisboeta. A relação desses acontecimentos não é longa e vale a pena.

Em 1998, a Lisboa-Expo 98, mostra mundial sobre o tema “Os Oceanos, um Patrimônio para o Futuro”, se integra à riquíssima tradição das grandes exposições internacionais e dá origem a uma nova centralidade urbana, o Parque das Nações, de que fala longamente o também arquiteto Carlos Barbosa, diretor de Projetos de Requalificação Urbana da ParkExpo de Lisboa, em entrevista concedida ao *site* da Associação Viva o Centro. No mesmo ano, o Porto é escolhida para sediar a III Reunião de Cúpula da Conferência



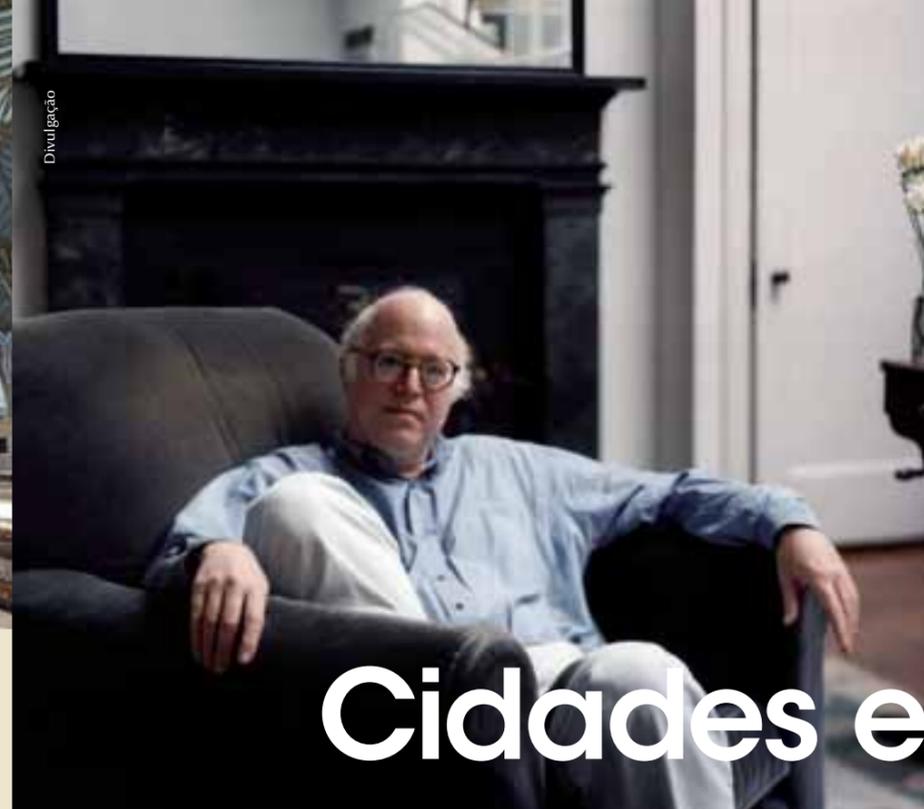
Típica rua do Centro Histórico do Porto: desenho urbano mantém a estrutura medieval, já a arquitetura é mais barroca e maneirista



Prédio em obras de recuperação na Rua da Madalena, em Lisboa. Área foi edificada por ordem do Marquês de Pombal depois do terremoto de 1755



Gare do Oriente, estação intermodal metroferroviária construída para a Lisboa Expo-98



Richard Sennett, autor de "Carne e Pedra"

Cidades e homens

A relação entre a forma das cidades e seus habitantes é muito mais íntima do que normalmente se imagina. Cidades e homens unem-se em uma simbiose perfeita, de resultados quase sempre imperfeitos

lbero-Americana, na esteira dos encontros regionais patrocinados pela OEA em várias cidades da América e da Península Ibérica. Nesse caso, o Porto ganhou o restauro do belo e antigo edifício da Alfândega, às margens do Douro, onde se reuniram os mandatários convidados. E, no ano seguinte, o Museu Serralves de Arte Contemporânea, com avançado desenho do arquiteto Álvaro Siza Vieira.

Em 2001, com o *Porto Capital da Cultura*, mais um prêmio: a já citada Casa da Música, uma sala de espetáculos de excelente acústica e muito inovadora por permitir que público e artistas estejam em permanente contato, não havendo distinção clara entre palco, coxia e platéia. Em 2002, *Lisboa Capital Europeia da Reabilitação Urbana*, processo que irá desaguar na recuperação de 1.835 edifícios históricos até o final de 2005, com investimento municipal de cerca de 130 milhões de euros. Nesse pacote figura o restauro do Palácio Sotto Mayor e a construção, no seu subsolo, de um *shopping center*.

Três anos depois, o Porto sedia a Eurocopa-2004, e, com isto, chega ao *élan* final um grande elenco de obras de infra-estrutura importantes para a cidade, como a construção de estádios modernos e de toda a logística necessária a um acontecimento de intensa concentração pública. Na mesma linha, vale ainda mencionar a expansão da reserva ambiental conhecida como Parque da Cidade, no extremo da Avenida da Boa Vista, quando esta encontra o mar, com projeto do catalão Manuel

de Solá-Morales; e, por fim, a construção do novo aeroporto – Aeroporto Francisco Sá Carneiro, a 11 quilômetros do centro do Porto –, que, como diz Manoel Correa Fernandes, joga um papel muito importante na estratégia econômica do noroeste peninsular e, ainda mais, para o próprio Porto, segunda maior cidade portuguesa em população, atrás apenas da capital.

Neste ano, a Sociedade de Reabilitação Urbana-SRU Porto Vivo está promovendo o Concurso Internacional de Idéias para a Revitalização da Frente Ribeirinha do Porto, na zona de intenção prioritária no centro histórico. Tudo o que aconteceu em Portugal nesses 33 anos quanto à recuperação de cidades é um processo ainda em andamento, portanto. Nem tudo correu como se previa ou esperava. Como no Brasil, muitos sonhos ficaram para trás e hoje, lá como aqui, a busca é por desenvolvimento sustentável com a difícil incumbência de equacionar, em tempos de globalização, inclusão social para valer e respeito ambiental e ao patrimônio cultural. A íntegra das entrevistas concedidas por Manoel Correa Fernandes, Carlos Barbosa e também pelos arquitetos Paulo Valença, da SRU Porto Vivo, e Felipe Mário Lopes, presidente da entidade Ófícios do Patrimônio e da Reabilitação Urbana, de Lisboa, podem ser acessadas no site da Associação Viva o Centro, www.vivaocentro.org.br, dando uma visão abrangente não só do processo como da necessária reflexão crítica que deve acompanhar esses momentos de transformação das cidades.

No próximo ano, a cidade de São Paulo será a sede do *Urban Age*, uma série de conferências organizadas pelo *Cities Program*, da *London School of Economics*, que reúne arquitetos, urbanistas, intelectuais, prefeitos e políticos de várias partes do mundo com o objetivo de traçar um panorama das cidades-sede.

São Paulo será avaliada por estes estudiosos e a discussão sobre as suas características certamente estarão na ordem do dia. Por isso, é interessante lembrar um pouco do pensamento de um dos criadores do *Urban Age* e um dos mais importantes estudiosos da *London School of Economics*: o sociólogo norte-americano, radicado em Londres, Richard Sennett.

Sennett é um homem de idéias polêmicas. Ninguém abordou como ele o efeito que a atual organização do trabalho, ditada pelo mundo globalizado, pode promover sobre o ca-

ráter das pessoas, sobre a forma como agem no cotidiano, seja no trabalho, nas relações familiares e até mesmo nos momentos de lazer.

Esse aspecto da vida atual está exposto em seu livro “A Corrosão do Caráter”. Nele, Sennett aponta a repercussão que inovações tecnológicas e as mais recentes teorias da Administração têm sobre o caráter das pessoas. Ele cita entre estas “teorias” a pré-disposição para mudança, seja de local de trabalho, de função ou de emprego; o trabalho em equipe, onde quase sempre a supervisão do administrador foi substituída pela pressão do colegas “da equipe”; o horário flexível, que nem sempre significa liberdade mas, muitas vezes, trabalho em qualquer horário. Mas, o maior perigo, sustenta o autor, é que tudo isso nos leva a ter uma falsa impressão de liberdade quando, na verdade, estamos estabelecendo um sistema de

relações profissionais e sociais sem produtividade de relacionamentos a longo prazo, o que prejudica afora o caráter.

O desenvolvimento tecnológico também, na visão de Sennett, contribui para corroer o caráter do homem no mundo globalizado.

A ameaça da tecnologia fica clara quando percebemos que os dias atuais estão distanciando o homem da sua profissão, como na padaria citada no livro. O padeiro, nestes tempos de automação, deixou de ter contato com a essência da sua profissão que é manipular os ingredientes da massa, assá-la e fazer o pão. Hoje, essa habilidade, que geralmente passava de pais para filhos, se resumiu a saber operar corretamente o sistema que faz o pão. Assim perdemos, na visão do autor, o compromisso com a nossa atividade e o poder, em última análise, de traçarmos uma trajetória para as nossas vidas, pois não sabemos o que estaremos fazendo amanhã. Precisamos ser flexíveis e a tecnologia proporciona, impulsiona e facilita essa postura flexível exigida pelo novo mundo globalizado.

O que é o Urban Age

Urban Age é o nome que designa as séries de conferências organizadas pela *London School of Economics*, da Inglaterra, e pela *Alfred Herrhausen Society*, da Alemanha. Estas conferências são realizadas cada ano em uma metrópole diferente e reúnem prefeitos, arquitetos, urbanistas e especialistas de todo o mundo para discutir o futuro dos grandes centros urbanos.

O *Urban Age* foi criado por Richard Sennett, Saskya Sassen e Richard Burdett, que é o diretor-geral dessa iniciativa e esteve em São Paulo recentemente preparando a realização da conferência de 2008. Entre os temas escolhidos para debate no próximo ano, estão a forma como São Paulo lidou com o rápido crescimento, a mistura de etnias e, é claro, os problemas dos congestionamentos de trânsito.

Carne e Pedra

Talvez a associação entre essas idéias e a sustentabilidade das cidades não seja imediata. Podem a anatomia do corpo humano, a tecnologia e a forma como nos comportamos, como nos relacionamos com amigos, colegas e familiares, influenciar no desenho das cidades? Para Sennett, a resposta é sim. Em seu ensaio “Carne e Pedra”, ele sustenta que a anatomia do corpo humano, as vivências e atividades dos habitantes das cidades foram determinantes na definição da forma das grandes cidades ocidentais.

É como se a anatomia do nosso corpo, o nosso modo de viver, se relacionar, trabalhar, se divertir, comer ou fazer amor moldasse a forma das cidades. Suas casas, edifícios comerciais, pontes, avenidas, bares. Da antiga Atenas à moderna Nova York, tudo o que é pedra foi moldado pela carne, pelos corpos que vivem nas cidades.

Na primeira parte do livro, Sennett explora as maneiras pelas quais os antigos atenienses relacionaram a nudez à forma da antiga Atenas. A seguir, o autor dedica-se à Roma, explorando a convicção dos romanos a respeito da perfeição geométrica do corpo.

Na segunda parte desse instigante ensaio, o autor analisa como as crenças do cristianismo afetaram a forma das cidades cristãs. E, na terceira parte do livro, Sennett mostra como os espaços urbanos modernos foram moldados pelas descobertas científicas do século XVII.

Ele cita como a descoberta científica mais importante para a formação das cidades ocidentais a descrição do processo de circulação sanguínea, por William Harvey, em 1628. Ele diz:

“A revolução de Harvey favoreceu mudanças de expectativas e planos urbanísticos em todo o mundo. Suas descobertas sobre a circulação do sangue e a respiração levaram a novas idéias a respeito da saúde pública. No Iluminismo do século XVIII, elas começaram a ser aplicadas aos centros urbanos. Construtores e reformadores passaram a dar mais ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma

cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável. (...) Estava criado um novo arquétipo da felicidade humana.”

Mas, não só a anatomia influencia a conformação das cidades. As relações de trabalho, o regime econômico, a tecnologia, a competição capitalista vêm influenciando a forma das grandes metrópoles, que se tornam locais pouco utilizados para a convivência. Estaremos seguindo esse caminho, com os grandes edifícios comerciais padronizados que refletem a necessidade da flexibilidade de utilização exigida pela nova ordem econômica, com o individualismo gerado pela ausência de valores a que se refere Sennett em “A Corrosão do Caráter”? Por esse individualismo que nos leva a construir condomínios, a fechar ruas na busca de uma privacidade cada vez maior, quando talvez o caminho para a sustentabilidade esteja exatamente no lado oposto. No lado da utilização mais racional e pública dos recursos de que dispomos.

Sennett, em “Carne e Pedra”, fala da Nova York moderna. E não deixa de notar a forma como os nova-iorquinos – e os habitantes de todas as grandes cidades ocidentais – utilizam os espaços urbanos.

“O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus, o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações”.

E o que ele pensa de São Paulo, cidade que visitou há pouco mais de um ano? A São Paulo do trânsito caótico, da imensa multiplicidade cultural, da invejável pujança econômica e da desigualdade social? Vamos saber em detalhes no *Urban Age* 2008, mas há uma pista. Em entrevista à Folha de São Paulo, Sennett foi questionado sobre a diferença que via entre São Paulo e Xangai, na China. Ele disse que via a China como um país comprometido com o crescimento e que é preciso olhar a situação de forma mais ampla, além dos argumentos econômicos. E finalizou: “Tenho certeza de que São Paulo terá mais soluções para indicar para Xangai do que vice-versa”.



Quem é Richard Sennett

Richard Sennett nasceu em Chicago (EUA) no primeiro dia do ano 1943. Filho de ativistas políticos, dedicou-se a uma promissora carreira musical, subitamente interrompida por problemas de mobilidade na mão esquerda. Voltou-se então para a Sociologia e tornou-se uma autoridade em assuntos referentes à vida urbana nas sociedades ocidentais.

Intelectual de sucesso, ele é professor da *London School of Economics* desde 1999. Antes havia sido conferencista da *Yale University* (entre 1968 e 1970), professor assistente da *Brandeis University* (entre 1970 e 1972) e professor da *New York University* de 1972 a 1998. A produção intelectual de Sennett é extensa, com uma dúzia de livros publicados desde o final dos anos 60, especialmente sobre a experiência urbana e a sua relação entre autoridade, modernidade e vida pública.

Entre os seus livros estão:

O Declínio do Homem Público; Carne e Pedra; Respeito – A Formação do Caráter em um Mundo Desigual; A Corrosão do Caráter e A Cultura do Novo Capitalismo.

Artérias Paulistanas

Por Gal Oppido e Hugo Curti*

***Gal Oppido** é fotógrafo ensaísta com trabalhos de fotografia aplicada nas áreas de artes cênicas, arquitetura e projetos gráficos. Suas obras já foram expostas em diversos países, como EUA, Cuba, Holanda, França, Alemanha e Portugal, e integram os acervos do MASP, MAM, entre outros. **Hugo Curti** é fotógrafo, geólogo e joalheiro. As inquietações relacionadas aos processos da natureza e do homem estão presentes em todos os seus ensaios.

“Artérias Paulistanas – Vias de Fato” é uma parceria dos dois fotógrafos, feita para o aniversário de 450 anos de São Paulo e mostra um percurso pelas “artérias” da cidade.

Marginal Pinheiros - Paineiras do Morumbi







As escolas de arquitetura e a sustentabilidade

Por Marina de Castro Alves

Como as escolas de arquitetura trabalham com a questão da sustentabilidade? As visões sobre este tema nem sempre são coincidentes, mas todas as escolas preocupam-se com o assunto. Nesta reportagem, veja como elas estão incluindo a sustentabilidade nos seus cursos

Tema do momento – ou da moda, como diz o arquiteto Joaquim Guedes – a sustentabilidade está chegando às escolas de arquitetura por meio da inclusão de disciplinas específicas sobre o tema na grade curricular, pelo incentivo à participação de alunos em concursos onde o tema tem grande peso e até mesmo pelo fato de a sustentabilidade ganhar destaque na missão das instituições, como fazem quase todas as empresas nos dias de hoje.

Para saber como as principais escolas de arquitetura e urbanismo estão “ensinando” sustentabilidade aos seus alunos, entrevistamos os responsáveis por estes cursos no Centro

Universitário de Belas Artes de São Paulo, no Mackenzie, na Anhembi-Morumbi, na FAUUSP e na Escola da Cidade.

De todas estas instituições, a mais nova é a Escola da Cidade, que teve seu curso de Arquitetura e Urbanismo aprovado pelo Ministério da Educação em 2001. Entidade sem fins lucrativos, a Escola tem como mantenedora a Associação de Ensino de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – AEAUSP e trata da questão da sustentabilidade urbana com muito cuidado “para que o termo não se banalize e acabe se tornando um chavão”, como afirma Rodrigo Mindlin Loeb, professor de Urbanismo e coordenador pedagógico da Escola.

Sustentabilidade urbana versus sustentabilidade humana

Já o diretor da Escola da Cidade, Ciro Pironi, afirma que a sustentabilidade deve ser um tema sempre lembrado e discutido, mas não pode ser tratado de forma a tirar o foco de outros problemas da cidade. “Talvez, antes de discutirmos a sustentabilidade urbana devêssemos discutir a sustentabilidade humana”, diz ele.

Entre as medidas a serem tomadas em direção a uma cidade sustentável, Ciro aponta a necessidade de pensar e discutir o crescimento da mancha urbana, a criação de laços afetivos com a cidade e dar atenção a pequenas coisas que podem aumentar o bem-estar social, como arrumar calçadas e construir praças. “Isso é muito simples e melhora muito a cidade”, complementa Ciro.

Quanto à questão do crescimento, Ciro é mais radical. “A cidade não pode crescer como capim, o seu crescimento deve ser planejado, pensado e discutido”, diz ele. Outro ponto que ele destaca como importante é criar laços de afetividade entre as pessoas e a cidade. “Precisamos fazer com que as pessoas passem a gostar da cidade como gostam, por exemplo, do Metrô de São Paulo. As pessoas respeitam, têm orgulho e contribuem para sua conservação. Se educarmos nossas crianças para que conheçam a cidade onde moram, certamente elas desenvolverão esse laço afetivo”, completa Ciro.



Parque da Integração que liga os bairros de Sapopemba e São Mateus: projeto realizado pelos alunos da Escola da Cidade e que contou com a participação da comunidade

Para ele, a arquitetura de qualidade deve conter os princípios da sustentabilidade abordados dos mais distintos pontos de vista. Isso significa que a escola trata da disciplina em várias frentes, como por exemplo dentro da disciplina Urbanismo III, que tem como enfoque a “Cidade Sustentável”. “A matéria é discutida em sua estrutura conceitual, desde as origens da formação de ideário específico, demonstrando como a questão ambiental evoluiu, nos últimos 50 anos, e como no Brasil criou-se um arcabouço teórico e legislativo muito adequado, que apóia a prática do projeto”, explica Helene Afanasieff, professora de Urbanismo e coordenadora do núcleo de Educação Continuada.

É por meio do conhecimento dessa ampla estrutura conceitual que a Escola leva os alunos à compreensão de que é indispensável inserir a preocupação com a sustentabilidade desde o início da reflexão sobre os processos que constituem a cidade. Todo esse conhecimento conceitual é reforçado com a apresentação de exemplos históricos, exercícios práticos, viagens nacionais e internacionais e seminários que trazem com clareza a importância da adoção de uma postura responsável diante da necessária mudança de padrões de consumo e também diante da busca de maior equidade social, sem a qual a escola não acredita ser possível construir uma cidade sustentável.

Da iniciação científica ao doutorado

Na Universidade Presbiteriana Mackenzie a questão da sustentabilidade é tratada em diversas disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação com foco bastante amplo.

“Temos três disciplinas específicas para tratar do tema sustentabilidade: uma aborda as questões gerais do Ambiente Sustentável, outra da Arquitetura Sustentável, ou seja, edificação, conforto ambiental, *green design*, certificação, LEED etc., e outra do Desenvolvimento Urbano Sustentável, incluindo projetos urbanos, re-desenvolvimento de *brownfields* (áreas urbanas potencialmente contaminadas) e Cidades Sustentáveis Compactas”, informa Carlos Leite, que é coordenador de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo do Mackenzie, além de lecionar Sustentabilidade Urbana no MBA da FIAUSP e no IED.

A sustentabilidade também está presente nos diversos grupos de pesquisa que atuam no Mackenzie. Estes grupos desenvolvem trabalhos que abordam desde os edifícios até os *brownfields* e envolvem professores e alunos em níveis que vão da iniciação científica ao doutorado.

“O interesse que os alunos demonstram pelo tema é bastante animador. A sustentabilidade está sempre presente nos trabalhos, principalmente nos trabalhos finais dos cursos de graduação”, diz Carlos. Em função desse interesse, a universidade realizou, recentemente, o III Fórum de Pesquisa. Na ocasião, diversos grupos apresentaram trabalhos sobre o tema, como Re-desenvolvimento Sustentável de *Brownfields*, Arquitetura Sustentável e Uso Racional de Energia.



Projeto dos alunos do Mackenzie para o centro de São Paulo: arquitetura como um sistema urbano de acordo com as potencialidades locais

Sustentabilidade está na Missão

O curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes aborda a questão da sustentabilidade já na sua missão. Ou seja, o centro universitário define como um de seus principais objetivos “formar arquitetos e urbanistas com sensibilidade artística e consciência sócioambiental”. Isso, para o professor Turguenev Roberto de Oliveira, coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo, reflete a preocupação da instituição com a questão da sustentabilidade como uma de suas grandes diretrizes.

Na prática, o Centro Universitário de Belas Artes tem procurado incluir sistematicamente disciplinas que tratam da sustentabilidade na sua grade curricular. Desde a última reforma do currículo, em 2002, três disciplinas específicas foram incluídas na grade: uma no primeiro semestre (Ecologia), outra no quarto (Infra-estrutura Urbana) e a última no oitavo (Meio Ambiente). Além disso, o assunto sustentabilidade é ainda tema das disciplinas “Projeto de Arquitetura”, “Técnicas Construtivas” e “Conforto Ambiental”.



Laboratório de Conforto Ambiental do Centro Universitário Belas Artes: sustentabilidade é uma das grandes diretrizes do curso de Arquitetura

O professor cita como resultado dessa preocupação com a sustentabilidade, o interesse que os alunos demonstram pelo tema. Como exemplo, ele cita um projeto da estudante Patrícia de Almeida O’Reilly Levy, orientada pelo professor David Vital Brasil Ventura. Esse trabalho, chamado *Modelo Sustentável em Eco Bairro* recebeu a Menção Honrosa no Concurso Ópera Prima 2007, a principal premiação estudantil na área de arquitetura.

Foco também no restauro

Um foco muito importante do estudo da sustentabilidade das cidades está no restauro e no retrofit. Quando a cidade é São Paulo, onde tudo é constantemente reconstruído, essa questão ganha uma dimensão ainda maior. E os responsáveis pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi estão atentos a isso. Tanto que um dos mais importantes focos da instituição está justamente nas disciplinas “Técnicas Retrospectivas”, “Restauro” e “Projeto de Restauro”, onde são amplamente estudados os temas de sustentabilidade, retrofit e restauro.



Prédio da unidade Morumbi onde o curso de Arquitetura, Urbanismo e Design é lecionado

O professor Adhemar Carlos Pala, coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo e Design da Anhembi Morumbi, acredita que o processo de reconstrução, que é uma das características de São Paulo, tem apagado ou destruído “marcos” muito importantes da arquitetura paulistana. “Até hoje este processo tem apresentado mais desvantagens do que vantagens, devido ao fato de que esta atualização da paisagem construída não tem revertido em maior qualidade de espaços públicos ou de cultura arquitetônica”, completa.

Além das disciplinas voltadas ao restauro e ao retrofit a questão da sustentabilidade é também abordada nas aulas da Anhembi Morumbi nas disciplinas de “Instalações Prediais”, “Conforto Ambiental” e “Sistemas Prediais”. “Muitos dos Trabalhos Finais de Graduação (TFG’s) de nossos alunos abrangem o tema de sustentabilidade e muitos desses projetos participam do Concurso Ópera Prima, com incentivo aos melhores TFG’s das faculdades de arquitetura do Brasil”, conclui o professor.

Prédio da unidade Morumbi onde o curso de Arquitetura, Urbanismo e Design é lecionado



Urbanismo sustentável?

Para o professor Nuno de Azevedo Fonseca, Coordenador do Grupo de Disciplinas de Planejamento Urbano e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a questão colocada em debate pela revista Urbs, sobre ser o urbanismo sustentável ou não, é incorreta.

“Acho que a questão não devia ser colocada como se o urbanismo é ou não sustentável. O urbanismo é um conjunto de saberes, práticas, técnicas e abordagens sobre o espaço urbano. Assim, na minha opinião, não cabe a pergunta sobre o urbanismo e sim sobre a organização da produção, o que pode levar à indagações sobre a organização



Perspectiva da proposta na região do Pq. Dom Pedro II elaborada pelos alunos da FAUUSP propõe estrutura dinâmica, ativa e sustentável

do espaço urbano e/ou da aglomeração urbana”, explica o professor. “Não é possível tratar dos problemas ambientais sem levarmos em conta a organização da produção e da sociedade. A questão não pode ser abordada por meio de atitudes ou projetos isolados”, continua.

Sobre a questão do retrofit, Nuno acredita ainda ser uma prática pouco utilizada no País. “Com um mercado mais expandido, com tecnologia desenvolvida para o diagnóstico do estado dos edifícios e para a intervenção nos mesmos, conseguiríamos um maior barateamento”.

Em relação ao processo de demolição e reconstrução ele afirma que é muito importante que a aglomeração urbana como um todo seja analisada. “Como temos um espaço bastante diferenciado quanto à disponibilidade de infra-estrutura, com um privilégio da região sudoeste em relação ao resto da metrópole, existe uma forte demanda de espaço concentrada nessa região e assim uma valorização de seu solo”, avalia. “O processo de demolição e reconstrução se insere nessa lógica. Ao não disponibilizarmos infra-estrutura de forma mais homogênea, temos como resultado a contínua reconstrução e o consumo desses espaços valorizados. Essa desproporção nos investimentos na metrópole é péssima para as áreas mais valorizadas e muito pior ainda para as outras áreas, desestruturadas, sem oferecer condições de ocupação para moradia ou atividades econômicas”.

Vazios de água

Por Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga*

Projeto premiado na Holanda propõe articulação de piscinões integrando-os aos espaços públicos já existentes e trazendo funcionalidade durante os períodos ociosos

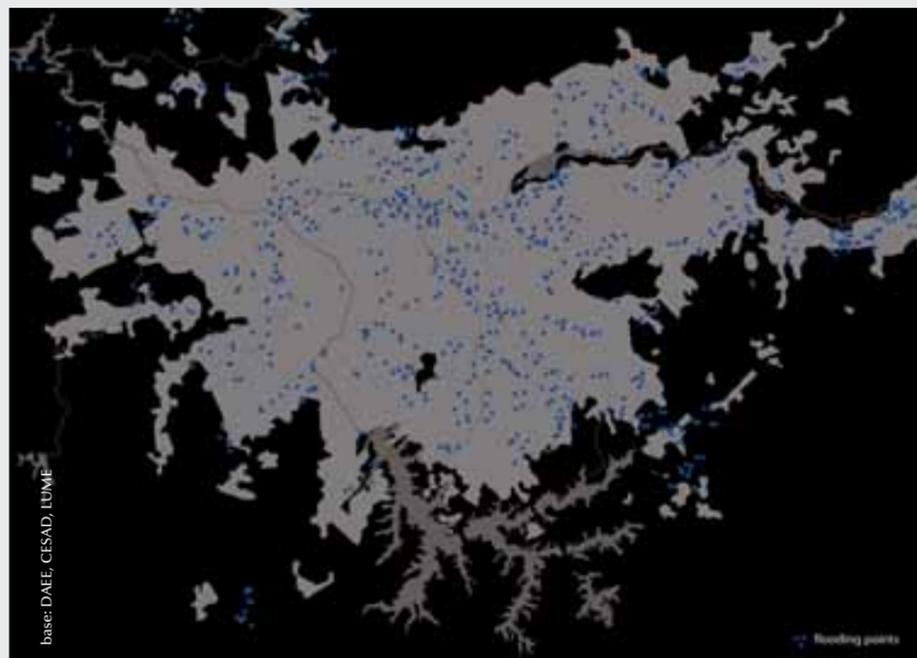
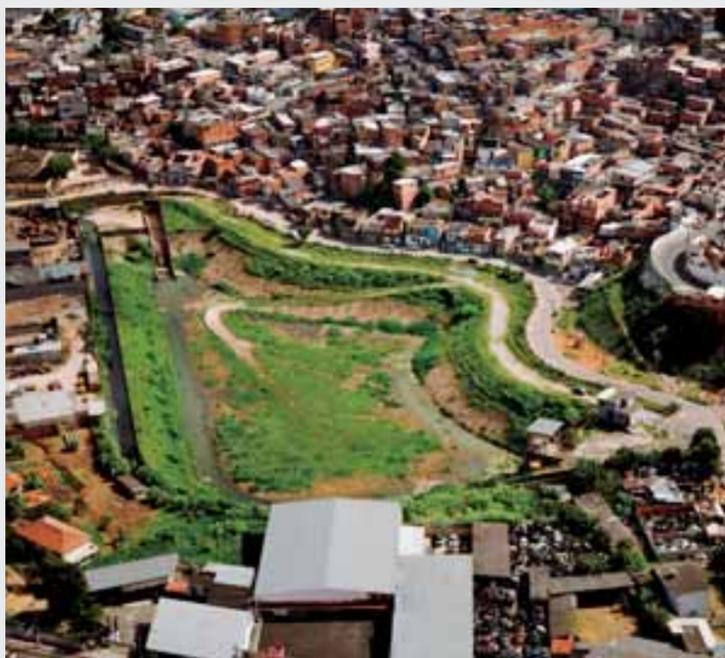
A velocidade da urbanização das metrópoles brasileiras tornou inócua grande parte das tentativas de se ordenar a produção do ambiente construído. O que mantém como pauta a delimitação do campo possível de ação dos arquitetos. Algumas hipóteses focam o projeto da infra-estrutura urbana, uma vez assumidos o seu valor público e o seu caráter sistêmico. Há uma potencialidade no projeto da infra-estrutura que, inserida na cidade pela forma difusa de uma rede, identifique e construa, pontualmente, os elementos que reverberem na reconfiguração do sistema ao qual pertence. O que sugere uma estratégia possível de intervenção na metrópole.

Em muitos casos, a solução para uma certa questão urbana não se encontra no local específico que se quer beneficiar, mas em setores espacialmente descontínuos, porém inter-relacionados. Essa condição tem gerado investimentos distribuídos de forma menos concentrada do que a disputa desequilibrada entre os diversos agentes políticos por si só

determinaria. Como no caso do combate às enchentes em São Paulo, cenário de fundo do nosso trabalho, para o qual está previsto um significativo investimento em áreas que costumam receber pouco, ou nada, do poder público.

Nesse contexto, a idéia é trabalhar com a riqueza social existente que está alocada para as grandes obras de infra-estrutura, redefinindo o seu próprio paradigma. O pressuposto é lhe conferir o “poder” de construir urbanidade onde, até então, só se aportam valores funcionais. Pois aqui em São Paulo reconhecemos um papel articulador das redes de infra-estrutura na escala territorial que não corresponde à escala local, na qual é um agente desagregador. Redefinir esse paradigma visa, para além dos serviços prestados pelas redes, articular políticas setoriais, construir lugares adequados à vida urbana e configurar imagens referenciais na paisagem, contribuindo para a formação de uma relação afetiva dos habitantes com a cidade.

Escritura de água no
Campo Limpo



Piscinaão Parque Pinheiros (esquerda)

Piscinaão Jardim Nova República (centro)

Pontos de inundação na Grande São Paulo em 1996 (direita)

A construção técnica de São Paulo

São Paulo é uma cidade moderna, construída a partir do surto de industrialização tardia que teve início no final do século XIX. Processo esse que exigiu sucessivas levas migratórias para abastecer a cidade de mão-de-obra, catapultando o crescimento populacional em um círculo vicioso. Ao longo do século XX, a metrópole passou de 250 mil para 18 milhões de habitantes, algo como construir 35 novas cidades como a capital Brasília, sobre um mesmo sítio, em apenas um século. Diante da magnitude do fenômeno, a cidade se fez no contraste entre os seletos investimentos de modernização de sua base econômica e as iniciativas individuais da população pela busca de um abrigo necessário, em geral construído informalmente à margem da cidade legal. Pode-se interpretar a metrópole através da lógica que pautou a construção do território privilegiando os setores produtivos.

A implantação dos grandes sistemas de engenharia em um sítio colinoso convergiu para a transformação estratégica das várzeas da Bacia de São Paulo, onde se associaram os fluxos viários aos recursos hídricos e à disponibilidade

de terra plana e barata. A passagem da “cidade industrial” para a “cidade contemporânea” ampara-se na preexistência dessa mesma base técnica, reforçando sua importância. Porém, o processo de urbanização descontrolada impôs uma impermeabilização excessiva ao solo urbano, e em especial às várzeas, outrora operando como espaços de regulação hidrológica. O resultado é o problema crônico das enchentes que atingem toda a população. Os habitantes das áreas desvalorizadas, próximas aos cursos d’água, convivem reincidentemente com situações de risco. Os demais sofrem com a dificuldade imposta à mobilidade associada ao sistema viário estrutural implantado em paralelo ao caminho das águas.

Uma vez interrompidos os fluxos nas principais vias, o problema ganha uma dimensão metropolitana e atinge também o setor produtivo. Como um fator de deseconomia urbana é uma questão programática assumida na agenda política da cidade. As intervenções concretas promovidas pelo poder público ao setor representam uma oportunidade exemplar para se propor uma ação alternativa à visão tecnicista hegemônica que aqui tem pautado os projetos infra-estruturais.

Articular sistema e localidade: a rede de “piscinões”

O cenário de crescente escassez de água exige o enfrentamento das questões de drenagem urbana, saneamento e abastecimento de maneira articulada. A questão é complexa e demanda ações em diversos níveis de abrangência, tanto macro quanto micro. Desde 1990 vem sendo tratada no âmbito do Plano Estadual de Recursos Hídricos e do Plano de Macrodrenagem da Bacia do Alto Tietê.

Uma das soluções propostas para o problema das enchentes é a construção de um conjunto de reservatórios de retenção e regulação das águas pluviais intitulado “piscinão”. Seu principal propósito é acumular água para retardar o seu lançamento na rede de rios e córregos da cidade, reduzindo o risco de transbordamento. Em suma, o “piscinão” visa substituir o funcionamento regulador original das várzeas ocupadas e impermeabilizadas da cidade. Atualmente existem 39 construídos em um total previsto de 131 que reservarão 15,5 milhões de m³ de água. Distribuem-se por todas as micro bacias tributárias do rio Tietê. Muitos se localizam junto aos setores de ocupação informal da cidade. Ou seja, o enfrentamento da dimensão metropolitana

do problema das enchentes necessariamente significará um investimento público em zonas periféricas. Conciliar a dimensão metropolitana com a local dessa questão é um ponto de partida.

Especialmente, os piscinões são escavações distribuídas de forma difusa, preenchidas temporariamente durante o período das chuvas. No restante são espaços ociosos. Estes vazios oferecem diversas possibilidades de usos, caso sua construção seja articulada com os demais planos para a cidade, conciliando entre si as políticas de transporte, de equipamento urbanos e, sobretudo, de espaços públicos da metrópole.

Os setores informais são os mais desfavorecidos em relação aos espaços públicos. Neles, onde a disputa por solo urbano é muitas vezes mediada pela violência, persistem áreas sem ocupação. São terrenos usualmente destinados a campos de futebol e demais atividades coletivas. Desempenham um papel fundamental para a construção das redes de sociabilidade e pertencimento responsáveis por fortalecer os vínculos sociais que resistem à adversidade da vida na grande metrópole. Representam um sintoma que atesta o valor do espaço público para essas áreas.

A hipótese

A velocidade da urbanização das metrópoles brasileiras frustrou as tentativas de se ordenar a produção do espaço. Apesar da existência de políticas urbanas, os problemas se intensificam. Delimitar o campo de ação dos arquitetos ainda é uma pauta a ser debatida.

Uma hipótese que pode potencializar essa ação é nossa participação na redefinição do paradigma do projeto de infraestrutura. Há uma potencialidade no projeto de infraestrutura que, inserida na cidade pela forma difusa de uma rede, identifique e construa, pontualmente, os elementos que reverberem na reconfiguração do sistema ao qual pertence. O que sugere uma estratégia possível de intervenção na metrópole.

Em São Paulo, essas redes têm um papel articulador na escala territorial que não incide na escala local, na qual atua

como agente desagregador. Achar a justa medida entre as dimensões metropolitana e local dos sistemas infra-estruturais é um dos desafios do projeto urbano.

A oportunidade

Para resolver as inundações que afetam o sistema viário estrutural que ampara a logística produtiva da metrópole, investe-se na construção de uma vasta rede de reservatórios de retenção de água pluvial junto às áreas periféricas. Almejam apenas equacionar o problema das enchentes.

A construção dessa rede de vazios urbanos pode ser convertida em uma oportunidade de difusão de um sistema estruturador das periferias, caso articulada com as demais políticas setoriais. Nessa ação, há que configurar imagens referenciais na paisagem, redefinir programas e construir lugares adequados à vida urbana, aportando ao espaço construído um valor de morada.



Piscinão Ford/ Ribeirão do Couros

As ações

Disponibilizar o correto caminho para as águas e o adequado espaço para as casas

As favelas invadem as áreas originalmente ocupadas pelas inundações, enquanto as águas são retidas em “piscinões” construídos sobre terrenos adequados para desenvolvimento urbano.

A inversão dessa equação indica remover as favelas das áreas de risco; recompor a calha dos córregos para as águas; ampliar a lâmina de água da rede hidrográfica através de represamentos localizados; regular o fluxo hídrico através da construção de barragens fixas e móveis nos canais fluviais; implantar as habitações sobre as áreas originalmente previstas para os piscinões.

Melhorar a qualidade das águas

A preservação dos recursos hídricos é uma questão imperativa. Uma alternativa para São Paulo é a construção de uma rede difusa de estações compactas de tratamento de esgotos junto às fontes poluentes de cada micro-bacia.

A melhoria da qualidade das águas aportará um maior volume aos córregos, hoje evacuadas pelo sistema de esgotos. Viabilizará a diretriz pública de construção de parques lineares ao longo dos principais cursos d’água. Sugerirá a aproximação da cidade às margens dos córregos, potencializando-os enquanto estruturadores da periferia informe.

Redefinir as fronteiras que permitam a aproximação da cidade às águas

O reconhecimento do espaço público inicia-se pela acessibilidade e conformação de seus limites, a serem garantidos pela construção de uma rede de circulação que lhe margeie. A associação desses espaços à passagem do transporte público, à transposição dos canais, à integração das suas margens e à conectividade com o tecido urbano lindeiro o reforçaráo.

A construção de uma fronteira transponível que intermedeie o contato entre a cidade e os espaços públicos, é uma ação estratégica para a ativação dos usos e segurança dessas áreas.



Reprogramar os vazios e as margens que os conformam aportando-lhes um valor de centralidade

“Vazios de água” plenos de urbanidade são como uma “terceira margem do rio”. Centralidades lineares de estruturação e legibilidade das localidades a que pertencem. Estruturas híbridas e complexas que adensam a vida urbana em proximidade com uma paisagem distinta e marcante. Recinto caracterizado pela convergência do tecido urbano adjacente, pelo adensamento construtivo e demográfico, pelo uso variado e pela construção de valores coletivos que possibilitem uma relação afetiva com a cidade.

Anotar uma escritura de água na paisagem

Os vazios de água resultantes caracterizam tanto o sistema de espaços livres da periferia quanto o sistema técnico de drenagem, tratamento e re-uso dos recursos hídricos da metrópole. Assim, os vazios servirão como marca referencial na paisagem urbana, uma escritura de água na cartografia da periferia.

** Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga são sócios-fundadores do MMBB e foram responsáveis pelo projeto “Vazios de Água”, vencedor do prêmio “Best Entry” da III Bienal Internacional de Arquitetura de Roterdã (Holanda). O trabalho também integrou a exposição “Visionary Power”, que aconteceu entre os dias 24 de maio e 2 de setembro.*

Todo dia, milhares de pessoas acordam aqui.
Outras milhares vêm trabalhar.
Por segundo, são centenas de cafezinhos.
Tem armário, vestuário, revista, música,
flores e vestido de noiva.
Tem comida do mundo todo, pra gente de todo mundo.
São quilômetros de ruas, ladeiras e avenidas,
fazendo São Paulo andar.

Encontra-se de tudo.
Desde que você apareça.

Apóie e associe-se à Viva o Centro.

Principais Patrocinadores



Nossa Caixa



Banco Safra



Santander Banespa

BOVESPA
A Bolsa do Brasil



SONIA MARQUES
DÖBLER Advogados

MACHADO, MEYER,
SENDACZ E OPICE
ADVOGADOS

PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Companhia Brasileira de Alumínio
Votorantim

universidade
anhembi
morumbi
Laureate International Universities
Mundialmente criativa e inovadora



Tel.: (11) 3556.8999
www.vivaocentro.org.br

As mil e uma cidades

Jorge da Cunha Lima*



As mulheres de Chariar pagavam com a morte, ao amanhecer, o casamento e a noite de amor. Cherazade, destinada ao mesmo fim, percebe que a narrativa poderia salvá-la, contando cada noite, ao sultão, uma história inebriante sobre as desventuras da vida. Fascinado, Chariar substituiu a rotatividade dos amores pelas volúpias das histórias de Cherazade, que não apenas salvaram sua vida como remeteram-na à eternidade.

No livro de Italo Calvino, o mais italiano dos escritores, embora nascido em Cuba, Marco Polo, o viajante insaciável, narra ao imperador Kubai Khan, as cidades de que seu império é constituído. Não narra as portentosas aventuras humanas, mas a cidade apenas, que é o símbolo do império e da própria vida. Difere Marco Polo dos embaixadores e mensageiros de Kubai Khan, que trazem as notícias convencionais do poder, pois revela, com um único símbolo, a

cidade, com toda a grandeza de sua existência.

Nada é mais fascinante do que a cidade, sobretudo nesta quadra da história humana, em que a vida é essencialmente urbana. A cidade, em Calvino, é o símbolo da memória, do desejo, do olhar, das trocas, do nome e da morte. Marco Polo não se restringe, como “Ulisses”, de James Joyce, a resumir toda existência no cenário de uma única cidade, onde se come, se trabalha, se ama e se morre, num período, sem pausas. Marco Polo percorre as cidades do reino, todas com nomes femininos, como se percorresse o corpo de uma única mulher.

Marco Polo não descreve esses significados da cidade, que vão da memória até a morte, como uma simples metafísica dos símbolos, mas pelo que elas significam na vida de cada cidade.

Há dois livros que se completam completamente: “As Mil e Uma Noites” e “As Cidades Invisíveis”.

Quando cheguei a São Paulo, superada a escarpa íngreme, deparei com uma cidade sem memória, posto que se devora a cada década. Cidade que se devolve como um vômito novo. Não há em suas esquinas nenhuma presunção do passado, nem do presente, pois o futuro se impõe como a memória oblíqua.

Do Mercado Municipal à Tiffany os desejos se igualam, na mortadela e nas esmeraldas; das magricelas das lojas finas às volumosas vendedoras de muzzarella. Tudo se come, em São Paulo, nada se reparte. O que mais impressiona é o amor pelo automóvel, ora espelho que remete à ambição, ora laquê a encobrir a vaidade. A gula é individual. Mas o mais solitário dos homens passeia igualmente na Oscar Freire e no Center Norte.

Mas essas individuais figuras, Kublai Khan, se misturam como insetos, incestos raciais a confundir os passaportes.

Pincei, no acesso solitário da navegação intelectual, algumas conclusões de Marco Polo, que Kubai Kahan, em silêncio processava, sem qualquer resposta.

“Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, no corrimão das escadas, nas antenas dos pára-raios...”.

“Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo”.

“Cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe”.

“A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”.

“Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos”.

“O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo muito do que não teve e o que não terá”.

“Zenóbia não deve ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar as cidades ou são por elas cancelados”.

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kubai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”.

“A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene”.

“- Quando você voltar ao Poente, repetirá para a sua gente as mesmas histórias que conta para mim? - Eu falo, falo – diz Marco Polo – mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja”.

* **Jorge da Cunha Lima** é poeta, jornalista, escritor, presidente do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta e da Abepec (Associação Brasileira das Emissoras Públicas Educativas e Culturais), e vice-presidente do Itaú Cultural.

Imagens da cidade

Confira nesta edição um estudo sobre o Centro de São Paulo e outras publicações que consagram a obra do fotógrafo Benedito Junqueira Barbosa e dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Edo Rocha

DUAS VEZES PAULO MENDES DA ROCHA

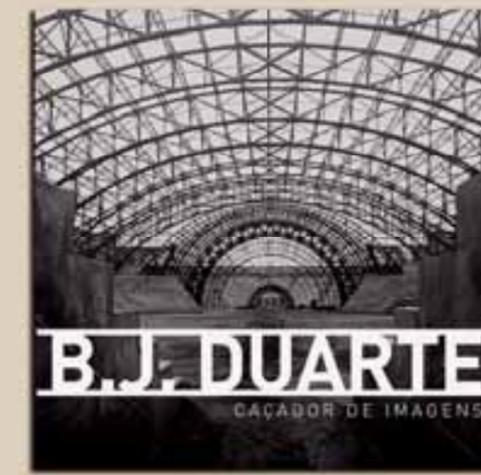
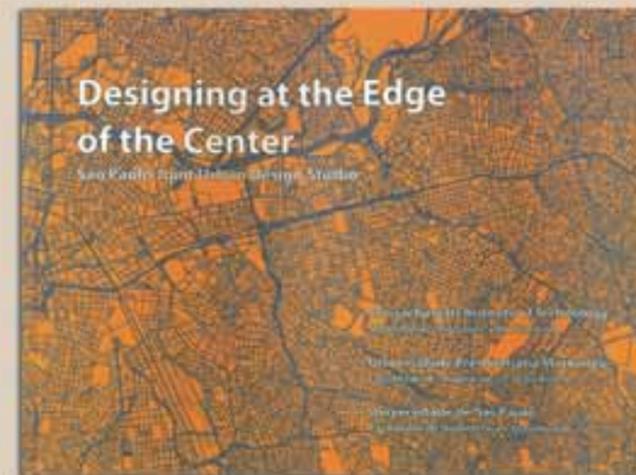
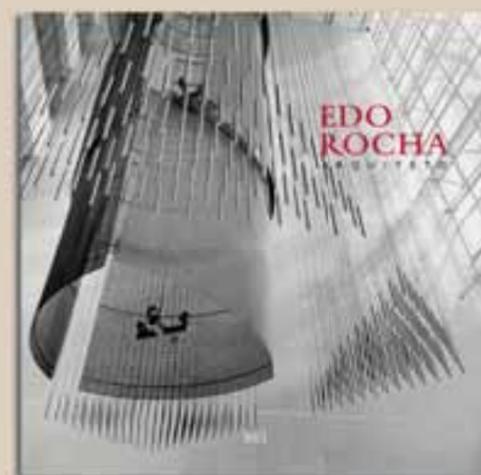
Rosa Artigas e Paulo Mendes da Rocha

Cosac Naify

A Cosac Naify lança duas publicações inéditas sobre a obra de um dos mais importantes arquitetos brasileiros: Paulo Mendes da Rocha – Projetos de 1999-2006 e Maquetes de Papel. No primeiro livro, organizado pela historiadora Rosa Artigas, a intensidade de produção do arquiteto nos últimos anos é revelada, abarcando edifícios educacionais, museológicos, habitacionais, técnicos, recreativos, religiosos e esportivos. A publicação contempla quinze projetos inéditos e, entre as obras reproduzidas, estão o SESC 24 de Maio (SP), a Galeria Leme (SP) e a

Capela de Nossa Senhora da Conceição (Recife).

Concebido após uma aula/oficina realizada em Curitiba, Maquetes de Papel mostra de maneira envolvente e perspicaz como Mendes da Rocha elabora as soluções de seus projetos, indica algumas de suas premissas criativas e discute questões contemporâneas envolvidas no projeto de arquitetura. De uma maneira fértil e fluída, o arquiteto demonstra a importância do momento em que constrói os modelos de papel como recurso para aferir suas proposições.



EDO ROCHA: ARQUITETO

BEI Editora

Com mais de trinta anos de carreira, o arquiteto Edo Rocha tem agora sua obra retratada em um livro que conta sua trajetória. A publicação mostra suas mais expressivas obras e traz textos produzidos a partir de entrevistas. Um dos maiores nomes da arquitetura corporativa no Brasil e pioneiro no uso de tecnologias construtivas, Edo Rocha conta com diversos projetos voltados para a racionalização de energia e soluções ligadas a sustentabilidade.

DESIGNING AT THE EDGE OF THE CENTER

Após meses pesquisando e desenvolvendo propostas para a região Central de São Paulo, arquitetos do curso de pós-graduação do Massachusetts Institute of Technology, da USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie concluíram o projeto com o lançamento de um livro. Com edição bilíngüe, a publicação apresenta propostas para as regiões da Luz, Brás e Pari, que sugerem melhoria das condições de vida e trabalho nestes bairros e para toda a cidade. A Associação Viva o Centro contribuiu com o projeto disponibilizando seus estudos que apresentam a realidade desta região.

B.J. DUARTE: CAÇADOR DE IMAGENS

Textos de Rubens Fernandes Júnior, Paulo Valadares e Michael R. A. Lima

Cosac Naify

Conhecida em grande parte por sua participação no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, a produção do fotógrafo Benedito Junqueira Barbosa foi compilada pela primeira vez em um livro que acompanha toda a sua carreira.

“B.J. Duarte: Caçador de Imagens” reúne textos de diferentes especialistas, que abordam o trabalho de Duarte a

partir da sua trajetória de vida e de sua inserção no ambiente político e cultural em que viveu, sem esquecer da importância de suas atividades ligadas ao fotojornalismo e ao cinema. Sua obra atravessou o tempo, construindo um importante testemunho das transformações urbanas que fizeram da capital do Estado de São Paulo uma metrópole moderna.

São Paulo: paisagem da mistura

Por Silvana Maria Pintaudi*



AB'SÁBER, Aziz Nacib.
SÃO PAULO: ENSAIOS
ENTREEVEROS.

Edusp/Imprensa Oficial do
Estado de São Paulo, 2004.

As mais de 500 páginas deste livro estão divididas em 21 capítulos, correspondentes a artigos compostos ao longo da vida acadêmica deste emérito professor da USP; apenas dois deles são referentes à memória de intelectuais que viveram e trabalharam em São Paulo e com os quais partilhou momentos de sua vida: Florestan Fernandes, sociólogo e Pierre Mombeig, geógrafo. 14 artigos tratam da paisagem paulistana e cinco tratam de espaços que envolvem a metrópole.

Desde a apresentação, o leitor percorre tempos e lugares e vai se dando conta de que a paisagem misturada da metrópole foi sendo definida pela apropriação diversificada e rápida que experimentou.

O capítulo intitulado Terra Paulista, um artigo datado de 1956 e considerado um “clássico” pelos geógrafos brasileiros, nos oferece um desenho dos componentes físicos da paisagem do Estado de São Paulo que, neste caso, foi condição facilitadora para a abertura de caminhos e o povoamento em direção ao interior. As fotografias que complementam este texto, e são recentes, fazem um contraponto, sendo que algumas delas deixam evidente o modo inadequado

com que se deu a apropriação do espaço. Os três capítulos subseqüentes, compostos por artigos da década de sessenta, trazem um panorama fisiográfico da metrópole, sempre acompanhado por observações sobre a forma de ocupação do espaço. Mapas e imagens são ferramentas importantes que auxiliam a compreensão da paisagem metropolitana e a identificação dos “obstáculos” que a forma escolhida para a reprodução da vida acabou construindo neste espaço.

Os demais capítulos relativos à metrópole paulista tratam temas ora dedicados a uma porção seu território, ora a um assunto relevante e geral tratado no conjunto da metrópole. Encontramos-nos com um observador atento na descrição dos diferenciados padrões de arruamento existentes em São Paulo e um crítico contumaz quando escreve sobre a “revanche” das águas.

Outros temas como a ecologia urbana, o desenvolvimento e a industrialização também são abordados, sempre marcados por uma linguagem viva e fluente, que revela não apenas um vasto conhecimento da paisagem de São Paulo, mas um amor muito grande por esta cidade e sua mistura.

Na apresentação do livro, o Professor Aziz escreveu que “a cidade – para quem viver mais do que poderia esperar – é um amplo campo de recordações multivárias”; certamente, ao que acrescentaríamos que para aqueles que têm um compromisso com o futuro é também a oportunidade de partilhar um conhecimento, um saber pensar o espaço, que as novas gerações necessitam para reproduzir a vida.

(* Silvana Maria Pintaudi é doutora em Geografia Humana e docente do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP.

Cartas

Recebemos com muita satisfação o número 43, de junho, julho e agosto de 2007, da publicação Urbs Underground, pelo qual muito agradecemos. O fascículo foi imediatamente incorporado ao acervo e encontra-se disponível para todos os usuários de nossa Biblioteca. Reafirmamos o nosso interesse em continuar recebendo os próximos fascículos publicados. Gostaríamos de receber os números 38 e 39 da referida publicação, a fim de completarmos nossa coleção.

Marcelo Pivatti, Aux. de Biblioteca - Setor de Periódicos da UNIFIEO – Centro Universitário FIEO

Tem a presente a finalidade de registrar o recebimento do exemplar da revista Urbs, nº 43, de junho, julho, e agosto de 2007. Agradecemos a gentileza e, na oportunidade, reiteramos os nossos protestos da mais elevada estima e distinta consideração.

Aurélio Nomura, Vereador

Quero agradecer toda a equipe por esta maravilhosa edição. Todo conteúdo da revista está “antenadíssimo” com as questões sociais e culturais do centro da cidade. São questões que jamais vemos publicadas com tamanha profundidade nos jornais e revistas. Contem conosco para o que precisarem.

Daniilo Blanco e Fernando Zelman, Galeria Central

Recebi o último número da Urbs; ficou fantástico, a idéia de números temáticos é muito boa, a nova programação visual também ficou excelente. Parabéns a toda equipe. Eu conheço o trabalho de produção de uma revista, e sei que não é fácil.

Denise Duarte, Departamento de Tecnologia da Arquitetura, FAUUSP

Agradecemos muito os exemplares enviados. Eles são muito usados por nossos alunos.”

Edla Prado, Biblioteca da FAUUSP

Na página 30 da revista foi colocada a opinião do professor e pesquisador Aziz Nacib Ab'Saber. Porém cometeu-se um erro ao informar que o mesmo é geólogo, sendo que o correto é geógrafo.

Aproveito o momento para sugerir que a reportagem poderia explorar mais o fato de que a linha amarela também irá possibilitar a integração com a linha lilás do metrô a partir do trem da CPTM, que corre junto à marginal. Acho que é importante frisar a ligação da nova linha com outra região nobre da cidade, mas também precisamos enfatizar a importância da sua integração com as zonas periféricas mais populosas de SP. Também informar que um dos problemas da degradação do centro foi o privilégio sempre dado ao transporte individual, sendo portanto a expansão massiva do transporte coletivo um elemento importante de valorização do centro de SP. Incluindo a conclusão da linha lilás do metrô, que hoje somente liga o Capão Redondo a Santo Amaro, como dito por Aziz.

Rodrigo Barbosa

N.R. *Agradecemos a sugestão e a correção (o professor e pesquisador Aziz Nacib Ab'Saber é geógrafo e não geólogo).*

Tive oportunidade de ler no nº 43 da Revista Urbs um interessante artigo defendendo a ampliação de oferta de vagas de estacionamento através garagens subterrâneas.

Quero informar que a licitação para tanto procedida em 1996 não foi a primeira, uma vez já ter havido em 1970 licitação similar pela EMURB, então sob nossa presidência. É curioso notar que as razões apresentadas pelo arquiteto Helio Cerqueira Jr. são as mesmas que fizeram naufragar na época a licitação feita, o que confirma minha impressão de que infelizmente, no Brasil, não aprendemos nada com erros passados, talvez em função de uma memória curta....

Alberto Botti



Viva o Centro
São Paulo

A história do Centro é feita de grandes nomes. E o seu futuro também.

ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

Entidade sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública Federal por decreto em 9/3/2000 e auditada pela PricewaterhouseCoopers – Auditores independentes

ASSOCIADOS

Administração e Representação Telles • Agromont Administração de Bens e Participações • Agropecuária Juruá • Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI • Associação Brasileira de Designers de Interiores • Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia • Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo - ABRESI • Associação Brasileira de Pedestres – ABRASPE • Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade – ABRAFOTO • Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Associação Cristã de Moços de São Paulo – ACM/CENTRO • Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo – ACELCESP • Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Associação dos Bancos no Estado de São Paulo – ASSOBEPS • Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo • Associação dos Lojistas da Florência de Abreu – ALFA • Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo • Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – ANCOR • Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – ACREFI • Associação Vida Positiva – Prevenção e Cidadania • Banco ABN AMRO Real • Banco Itaú • Banco Nossa Caixa • Banco Safra • Banco Santander Banespa • Bar Brahma • Biblioteca Mário de Andrade • Bolsa de Mercadorias & Futuros - BM&F • Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Caixa Econômica Federal • Câmara Interbancária de Pagamentos – CIP • Cartório Medeiros • Casa da Bóia • Casas Bahia • Celso Figueiredo Filho • Central de Outdoor • Centro Acadêmico “XI de Agosto” • Centro de Estudos das Sociedades de Advogados - CESA • Centro Universitário Belas Artes • Cia Brasileira de Alumínio – CBA • Cia Central de Importação e Exportação – CENTRAL • Cia do Metropolitano de São Paulo – METRÔ • Cia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM • Círculo Italiano – San Paolo • Colégio de São Bento de São Paulo • Condomínio Edifício Mercantil Finasa • Congregação Israelita de São Paulo/Templo Beth-El • Construtora Miguel Curi • Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo • CVC Turismo • Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo – EMPLASA • Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo – EMTU • Escola Estadual de São Paulo • Escritório Fralino Sica • Estapar Estacionamentos • Faculdade de

Direito da Universidade de São Paulo • Federação Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN • Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP • Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo • Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Federação Interestadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – FENACREFI • Fundação Escola de Comércio “Álvares Penteado” • Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP • Granadeiro Guimarães Advogados • Grupo Lund de Editoras Associadas • Grupo TMS • Igreja do Beato Anchieta • Inspetoria Salesiana de São Paulo • Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB/SP • Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo • Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa • International Police Association • Ituana Agropecuária • José Antonio Mangini Jr. • José Eduardo Loureiro • José Rodolpho Perazzolo • Just Traduções • Klabin • Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo • Logos Engenharia • Luigi Bertolli • Machado, Meyer, Sendacz e Ópice – Advogados • Mosteiro de São Bento de São Paulo • Museu da Cidade de São Paulo • Museu Pe. Anchieta • Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia • Paróquia Nossa Senhora da Consolação • Pellegrino e Associados Engenharia • Pinheiro Neto – Advogados • Pioneer Corretora de Câmbio • Polícia Civil do Estado de São Paulo – DEATUR • Polícia Militar do Estado de São Paulo – 7ª BPM-M • PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes • Rotary Club de São Paulo – República • São Paulo Convention & Visitors Bureau • Savoy Imobiliária e Construtora • Secretaria de Estado da Educação • Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania • Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos • Serasa • Serviço Social do Comércio – SESC CARMO • Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro • Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo • Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo • Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sindicato dos Bancários e Financeiros de SP, Osasco e Região • Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP • Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva – SINAENCO • Sociedade Amigos de Vila Buarque, Santa Cecília, Higienópolis e Pacaembu • Sonia Marques Dobler – Advogados • Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades de São Paulo – SUTACO • Theatro Municipal de São Paulo • Terraço Itália Restaurante • Tozzini Freire Advogados • Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo • Trides Cia. Imobiliária Administradora • Universidade Anhembi Morumbi.

CONSELHO DIRETOR

Presidente

Henrique de Campos Meirelles

Vice-Presidentes

Alencar Costa

Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo

Roberto Mateus Ordine

Associação Comercial de São Paulo – ACSP

Secretário

Luís Eduardo Ramos Lisboa

Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI

Tesoureiro

Wilson Antonio Salmeron Gutierrez

Federação Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN

Controlador

Elzo Aparecido Barroso

Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA

Conselheiros sem designação específica

Arnaldo Borgia – Serasa • Bertrand Molinari Filho • Carlos Eduardo da Silva Monteiro

• Celso Cintra Mori • Celso Figueiredo Filho – Grupo Figueiredo • Clemência Beatriz

Wolthers • Danilo Santos de Miranda – Serviço Social do Comércio – SESC

Domingos Fernando Refinetti – Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados • Edu-

ardo César Silveira Vita Marchi – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

• Gabriel Mário Rodrigues – Universidade Anhembi Morumbi • Geraldo José Carbone

• Guilherme Afif Domingos • José Diogo Bastos Neto • José Geraldo Barreto Fonseca

– Tribunal de Justiça de São Paulo • Luiz César de Proença, Dom – Mosteiro de São

Bento de São Paulo • Luiz Flávio Borges D’Urso – Ordem dos Advogados do Brasil

– OAB/SP • Manoel Félix Cintra Neto – Bolsa de Mercadorias e Futuros – BM&F •

Manoel Francisco Pires da Costa – Fundação Bial de São Paulo • Marcos Antonio

Costa e Silva - Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Maria Aparecida Cordeiro

Katsurayama • Maurício Granadeiro Guimarães – Granadeiro Guimarães Advogados •

Michael Klein – Casas Bahia • Miguel Sampol Pou – Klabin • Nelson de Abreu Pinto

– Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo • Ney Castro Al-

ves – Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Paulo Antonio

Gomes Cardim – Centro Universitário Belas Artes • Paulo Antonio Skaf – Federação

das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP/Centro das Indústrias do Estado de

São Paulo – CIESP • Paulo Eduardo Moraes Sophia – Instituto de Arquitetos do Brasil

– IAB/SP • Paulo Ney Fraga de Sales – Instituto São Paulo Contra a Violência • Ricardo

Patah – Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sérgio Moraes Abreu – Banco Itaú

• Sônia Maria Gianinni Marques Dobler – Sônia Marques Dobler – Advogados • Vanda

Pita • Waldemiro Antonio dos Santos – Federação do Comércio do Estado de São Paulo

– FECOMÉRCIO

CONSELHO FISCAL

José Joaquim Boarin – Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo

José Maria Giaretta Camargo – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

Sebastião Luiz Gonçalves dos Santos – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO

Superintendente Geral

Marco Antonio Ramos de Almeida

Consultor

Jorge da Cunha Lima

Assessor Executivo

Antonio José Zagatto

Coordenadores de Área

Administrativa e Financeira – Cristina Café Fernandes

Apoio às Ações Locais – Teresinha Santana

Apoio Técnico – Tatiane S. Santa Rosa

Editoração e Imprensa – Ana Maria Ciccacio

Informática – Wagner Macedo

Conheça mais e saiba como participar acessando o site:

www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores



MACHADO, MEYER,
SENDACZ E ÓPICE
ADVOGADOS



Apoio Operacional



PINHEIRO NETO ADVOGADOS

Graduação Executiva Anhembi Morumbi.

Agregando mais valor à sua vida.

Pessoas que pensam no futuro têm algo em comum.

Assim como os alunos da **Graduação Executiva** já sabem, manter-se bem preparado é o segredo para alavancar a sua carreira. Por isso, matricule-se hoje na **Graduação Executiva Anhembi Morumbi**. Desenvolvidos para quem tem mais de 25 anos, os cursos são ministrados por professores que ocupam posições de destaque em suas respectivas áreas de atuação.

Cursos nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Marketing.

E você ainda conta com muitas vantagens:

- Flexibilidade de horários
- Aproveitamento de créditos de outros cursos
- Diversas opções de campi
- Aproveitamento de experiência profissional
- Possibilidade de conciliar trabalho e estudo



universidade
anhembi
morumbi

Mundialmente criativa e inovadora
Laureate International Universities®

Verifique desconto para associados

Inscrições abertas: www.anhembi.br | 0800 015 9020 | 3292-1621 | 3847-3053



Mariana Fiorini, Jackson Francisco Alves, Marcos Viana e Renata Tesser, alunos da Graduação Executiva Anhembi Morumbi.